



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

MÍRIAM ALVES BASTOS DA SILVA

ARTE/EDUCAÇÃO, FANZINES E HISTÓRIAS DE VIDA: UMA EXPERIÊNCIA DE
ENSINO DE ARTE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM UMA TURMA DO
1º MÓDULO DO ENSINO FUNDAMENTAL I DA REGIÃO METROPOLITANA DO
RECIFE

RECIFE

2018

MÍRIAM ALVES BASTOS DA SILVA

ARTE/EDUCAÇÃO, FANZINES E HISTÓRIAS DE VIDA: UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO DE ARTE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM UMA TURMA DO 1º MÓDULO DO ENSINO FUNDAMENTAL I DA REGIÃO METROPOLITANA DO RECIFE

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, como requisito para conclusão de curso.

Aprovado em: ___/___/2018.

ORIENTADOR

Prof. Ms. Bruno Fernandes Alves (UFRPE)

COMISSÃO EXAMINADORA

Profª. Dra. Ana Paula de Souza Abrahamian (UFRPE)

Prof. Ricardo da Silva Freire (SEDUC/PE)

RECIFE

2018

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

Agradeço a meu marido e filhos, que me deram apoio e incentivo nas horas difíceis, que não me deixaram ser vencida pelo cansaço. Especialmente as dicas dadas pelos meus filhos durante esse trajeto. Obrigada por terem me estimulado durante todo o tempo e compreenderam minha ausência pelo tempo dedicado aos estudos.

A esta universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram esse momento tão especial de confiança numa formação fundamentada no mérito e na ética.

Ao meu orientador Bruno Alves, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

“Ao Curso de Pedagogia da UFRPE, e as
experiências formativas ao longo desses anos.”

RESUMO

Este trabalho apresenta uma pesquisa de conclusão de curso em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Trata-se de uma experiência no ensino de arte numa perspectiva estética para a modalidade em educação de jovens e adultos - EJA. Como procedimento metodológico, esse estudo fundamenta-se numa pesquisa qualitativa, de caráter descritivo e interpretativo. Foram utilizadas como técnicas, instrumentos de coletas e análises de dados: entrevistas com os sujeitos da pesquisa – 12 educandos da turma da EJA do módulo I, a observação direta no ambiente pesquisado, a análise documental no que se refere ao Projeto Político Pedagógico da escola e uma pesquisa ação fundamentada em documentos legais (LDB, PCNs) e permeada nas ideias de Duarte Junior, Sonia Carbonell e Ana Mae Barbosa, entre outros. Logo, este trabalho de conclusão de curso enfatizou a importância do ensino de Arte na formação do jovem e do adulto, bem como, promoveu o encontro entre a teoria trabalhada nas aulas de Artes e Histórias de vidas do sujeito da EJA através da confecção de Fanzines ou Zines. Com a pretensão de refletir sobre as possibilidades de efetivação de um ensino de arte na EJA que contribua para uma formação mais humanizada e prazerosa dos educandos. Nesta direção, propôs o acesso a conteúdos de uma forma divertida e também reflexiva ao identificar as concepções de arte e sensibilizar os educandos para a Arte a partir de suas histórias de vida através do Fanzine. Os resultados desse estudo apontam uma disciplina em que se deve associar conteúdos e práticas pedagógicas que de fato mantenham o interesse dessa clientela em sala de aula. Então, é tão importante quanto às demais disciplinas no que se refere a sua contribuição no aprendizado e a formação do indivíduo. Transformando com isso, o olhar desses discentes com relação ao que se pode esperar das aulas de arte.

Palavras-chave: Ensino de arte, perspectiva estética, fanzine, EJA.

ABSTRACT

This work presents a research of course completion in Pedagogy of the Federal Rural University of Pernambuco. This is an experience in art education in an aesthetic perspective for the modality in youth and adult education - EJA. As a methodological procedure, this study is based on a qualitative, descriptive and interpretive research. Data collection and analysis instruments were used as techniques: interviews with the subjects of the research - 12 students from the EJA class of the module I, direct observation in the researched environment, documentary analysis with regard to the School's Political Pedagogical Project and an action research based on legal documents (LDB, PCNs) and permeated the ideas of Duarte Junior, Sonia Carbonell and Ana Mae Barbosa, among others. Soon, this work of conclusion of course emphasized the importance of the teaching of Art in the formation of the young and the adult, as well as, promoted the encounter between the theory worked in the classes of Arts and Stories of the subject of the subject of the EJA through the confection of Fanzines or Zines. With the pretension of reflecting on the possibilities of effecting an art teaching in the EJA that contributes to a more humanized and pleasurable formation of the students. In this direction, he proposed the access to contents in a fun and also reflective way in identifying the conceptions of art and sensitizing students to the Art from their life stories through the Fanzine. The results of this study point to a discipline in which content and pedagogical practices must be associated that in fact keep the interest of this clientele in the classroom. Therefore, it is as important as the other disciplines in regard to their contribution to learning and the formation of the individual. Transforming with this, the look of these students with respect to what can be expected from art classes.

1

Keywords: Teaching art, aesthetic perspective, fanzine, EJA.

Sumário

1.	BREVE PERCURSO HISTÓRICO DO ENSINO DA ARTE	13
2.	TRAJETÓRIA DA ESCOLARIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL....	16
3.	A IMPORTANCIA DA ARTE NA EDUCAÇÃO	18
4.	PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DE ARTE.....	22
5.	FANZINE COMO RECURSO PEDAGÓGICO.....	27
6.	DIFICULDADES E DESAFIOS EDUCATIVOS PARA OS ESTUDANTES DA EJA	29
7.	METODOLOGIA	32
7.1.	<i>Cronograma.....</i>	36
7.2.	<i>Materiais Necessários</i>	36
7.3.	<i>Culminância</i>	36
8.	RELATOS DA EXPERIÊNCIA	37
8.1	Perfil dos Discentes	37
8.2	<i>O que os jovens e adultos pensam sobre arte?</i>	47
8.1	<i>Práticas pedagógicas: confecção de fanzines como recurso didático no ensino de arte ...</i>	48
8.4	<i>Algumas das dificuldades de aprendizagem educativas dos discentes</i>	53
8.5	<i>Um novo olhar dos discentes sobre o ensino-aprendizagem de Arte.....</i>	54
9.	CONSIDERAÇÕES.....	57
10.	REFERÊNCIAS	60
11.	APÊNDICE.....	64
1	<i>A – Roteiro de entrevista pessoal com os discentes:</i>	64
2	<i>B – Roteiro de Roda de Conversa com Discentes de Jovens e Adultos - narrativas informais coletivas:</i>	64
3	<i>C– Projeto Didático - 05 sequências didáticas</i>	64
3.1	<i>PROJETO DIDÁTICO</i>	65
3.1.1	<i>PLANO DE AULA - 1</i>	67
3.1.2	<i>PLANO DE AULA – 2</i>	70
3.1.3	<i>PLANO DE AULA -3.....</i>	72
3.1.4	<i>PLANO DE AULA – 4</i>	74
3.1.5	<i>PLANO DE AULA - 5.....</i>	76
4	<i>D- Fanzines construídos pelos educandos.....</i>	78
4.1	<i>Capa: Autorretrato.....</i>	78
4.2	<i>A árvore genealógica</i>	79
4.3	<i>O motivo de não ir para a escola no tempo certo</i>	80
4.4	<i>O que faço hoje (técnica de pontilhismo).....</i>	81
4.5	<i>Por que estou na escola hoje.....</i>	82

4.6	<i>O que eu gosto no Recife.....</i>	83
5	<i>E- O artesanato se refere às atividades complementares desenvolvidas</i>	84
5.1	<i>Pintura no tecido com a técnica de pontilhismo</i>	84
5.2	<i>Reuso de CD.....</i>	85
12.	ANEXOS	86
A.	<i>Letra da Música “Asa Branca” de Luiz Gonzaga</i>	86
B.	<i>Alguns Modelos de Fanzunes.....</i>	87
C.	<i>Grade Curricular de Arte da rede pública.....</i>	88
D.	<i>Imagens de autorretratos de alguns artistas famosos.....</i>	89
E.	<i>Imagens de algumas obras de Georges Seraut – Pontilhismo.....</i>	90

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino voltada para pessoas que por algum motivo não tiveram acesso à educação na idade apropriada. Considerando que a trajetória da educação para adultos tendo sido pautada por campanhas e movimentos com proposta para acabar com o analfabetismo visando à capacitação para o trabalho desses sujeitos, em curto espaço de tempo.

Nos dias atuais, há uma demanda de novos saberes indispensáveis para o exercício da cidadania. Logo, mais do que nunca, temos a responsabilidade e maior facilidade de aproximar o estudante do objeto de conhecimento e da arte. A arte está presente na história da humanidade desde os primórdios do tempo. Lembremo-nos das pinturas rupestres. A arte diz muito sobre seu povo, a cultura revela o modo de se perceber e sentir, dá significados e valores que permeiam nossas vidas.

Há cerca de 13,1 milhões de analfabetos com idade a partir dos 15 anos no Brasil, esta estatística está relacionada com a desigualdade social de acordo com o IBGE (2014). Essa taxa de analfabetismo em 2014 foi estimada em 8,3%, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2014), mesmo parecendo grandiosos para dias atuais, estes números têm diminuído nos últimos anos, em 2015 esse percentual baixa para 8,0% (IBGE, 2015). Contudo, esta realidade está longe de ser a ideal.

Refletir sobre como jovens e adultos pensam e aprendem, compete garimpar sobre fatores que contribuem para sua condição social. Como consta em documentos legais como LDB e PCNs, o analfabetismo está presente especialmente, nas classes mais baixa da população. No entanto, estamos falando de indivíduos que levam para a sala de aula valores, crenças, conhecimentos e tradições já sedimentados. São adultos que possuem habilidades que precisam ser consideradas, assim, quando se fala de desenvolvimento cognitivo é essencial reconhecer que existem várias formas de perceber, compreender e se comportar diante do mundo que são próprias de cada faixa etária.

Nesse contexto, o fato é que a matrícula desse segmento da sociedade tem crescido, com isso, precisamos dedicar uma atenção maior a esse grupo já há muito desprivilegiado. O acolhimento desses cidadãos que buscam uma escolarização tardia esbarra na importância de

se pesquisar maneiras de enriquecer a experiência do aprendizado nesta modalidade de ensino.

Diante de tal dilema, acreditamos que o ensino de arte pode ser uma ação transformadora. A educação Estética vai além do conhecimento na linguagem verbal, busca a dimensão dos sentidos e sentimentos na linguagem da arte, da percepção no desenvolvimento cultural do indivíduo (CARBONELL, 2012, p.46,).

A educação é uma prática social que visa à formação do ser humano, contribui e amplia possibilidades cognitivas, mas, também afetivas e de expressão, daí a necessidade de um conhecimento que estabeleça conexões entre o processo mental e a educação dos sentidos para a interação com a obra de arte.

Considerando que a educação não se baseia unicamente no ato de aprender a ler, escrever, como aponta Freire (1981, p.13). Para Freire alfabetizar é um ato político, envolver conscientização e criticidade.

Para mim seria impossível engajar-me num trabalho de memorização mecânica dos ba-be-bi-bo-bu, dos la-le-li-lo-lu. Daí que também não pudesse reduzir a alfabetização ao ensino puro da palavra, das sílabas ou das letras. Ensino em cujo processo o alfabetizador fosse “enchendo” com suas palavras as cabeças supostamente “vazias” dos alfabetizandos.

Este trabalho ao conhecer o olhar dos jovens e adultos desse 1º módulo sobre a disciplina de arte constatou o preconceito com relação ao ensino de Arte na educação, compreendendo a percepção do grupo com relação ao entendimento da disciplina de arte. Sensibilizando os sujeitos da pesquisa para a arte ao focar nas suas histórias de vida, reconhece que são portadores de competências e habilidades significativas.

Contudo, ao fazer uma revisão crítica da importância da Arte, sabe-se que as diferentes representações artísticas estão no meio social em que vivemos, elas suscitam e influenciam a concepção que os jovens e adultos têm de arte. Uma Educação estética na EJA requer a seleção criteriosa de conteúdos que atendam às necessidades e expectativas dos discentes. Os temas significativos permitem uma maior aproximação entre o vivido e o ensinado aponta que a percepção e a sensibilidade são inerentes à estética (CARBONELL, 2012, p.22).

Historicamente, encontrar um elo entre os eixos curriculares e as atividades de arte tem sido um problema, pois, as aulas de Arte tradicionalmente não se baseiam em conteúdo, mas em ações, em atividades. Para muitos a concepção de arte só estar ligada ao lazer, ao entretenimento, sendo uma área mais amplamente absorvida pela elite da sociedade.

A definição de arte varia com o tempo e o local, compreendida como habilidade especial na antiguidade, a livre expressão marcada na modernidade e no ensino pós-moderno de Arte destaca-se a história e a interpretação das obras de arte. Diante das diversas definições e conceitos de arte e cultura, após uma pesquisa exploratória para condução deste trabalho, direcionamos para o tema de arte na EJA sob a perspectiva estética numa sala de aula do 1º segmento da escola selecionada, pois o primeiro contato com o campo da pesquisa suscitou num pedido de sugestões de práticas pedagógicas para a aula de arte por docentes da EJA desta distinta escola.

Esse trabalho tem como objetivo principal realizar uma experiência de ensino de arte através de uma pesquisa-ação na perspectiva estética através da construção de Fanzines. Identificar as concepções de arte e sensibilizar os educandos para a arte a partir de suas histórias de vida. Numa tentativa de se ter uma experiência positiva na efetivação de um ensino de arte na EJA que possa contribuir para a ampliação cultural dos discentes dentro de uma educação mais humanizada e prazerosa. Buscando com isso, estimular o interesse dos estudantes pela disciplina de arte num espaço para tal disciplina, visto que, de maneira geral, pouco tempo do horário escolar é dedicado a ela.

Enfim, é essencial reafirmar que nossa iniciativa de incentivar um debate em torno do tema. Talvez a escola seja a principal alternativa para ampliar o relacionamento do estudante com a arte e com a cultura, levando-o a ter um novo olhar tanto para as aulas de arte como da arte para a vida. Sendo um alerta contra a forma simplista de condução dessa disciplina, pretende-se instigar a valorização da disciplina de Arte nessa modalidade de ensino.

A reflexão pedagógica nessa modalidade educativa, tem especial relevância ao ressaltar a dimensão cultural, mas também a social e política do ensino da Arte. O presente trabalho deseja ser um impacto positivo do ensino de arte no desenvolvimento geral desses educando ao destacar o valor educativo das imagens e hábitos do cotidiano na formação do discente. Considerando com isso, esse educando como sujeito portador de saberes, que devem ser reconhecidos.

Sabendo-se que, segundo o Projeto-Político-Pedagógico da referida escola de nosso estudo, a temática sugerida para se trabalhar nas atividades escolares pela rede pública municipal é: “200 anos da Revolução Pernambucana: Recife em cena da cultura popular.” Ressaltamos que dentre as metas das atividades da escola está: abordar em sala de aula os conteúdos relativos à cultura pernambucana. Ainda assim, apenas dois itens no PPP, são dedicados a arte e a cultura de modo geral.

Sendo assim, articulamos a construção de Fanzines (edição sem qualquer pretensão, livre, em que se podem expressar suas ideias sobre determinado assunto) pelos estudantes de suas biografias, buscando a valorização de suas raízes, das suas histórias de vida. Visto que, em sua maioria, os estudantes vêm de cidades do interior pernambucano como Paudalho, Surubim, Palmares, Passira etc. Ressaltamos a ideia de identidade e pertencimento. Com isso, lançamos um olhar atento para as diversas formas de arte que podem ser mais facilmente percebidas nas situações do cotidiano do cidadão e que se destacam em cada cidade de suas origens e nas suas vivências no Recife.

Ao consultar a professora da referida turma sobre o tema ou conteúdo para a aula ou experiência da pesquisa que abraçasse sua grade curricular, nos deixou livre para planejar. No entanto, foi indagado sobre a Feira Literária da escola em que a turma escolheu falar sobre Luiz Gonzaga. Porém, ela ainda não tinha planejado o que fazer. Com isso, baseamos nossas aulas de forma a contribuir com essa apresentação.

Foram entrevistados os sujeitos da classe a partir de um roteiro informal com o objetivo de identificar e analisar as Representações Sociais dentro da heterogeneidade da turma, resgatando relatos e experiências de vida.

Para a análise do material vamos classificar em temas construídos a partir do objetivo da pesquisa, da grade curricular, dos conteúdos das entrevistas, conceitos e definições de arte e cultura. O trabalho está definido no embasamento de conhecimentos pertinentes a educação de jovens e adultos. Na descrição da preparação da classe para a construção do Fanzine. Em alguns capítulos encontraremos declarações dos discentes, expressão de seus sentimentos e percepções.

1. BREVE PERCURSO HISTÓRICO DO ENSINO DA ARTE

Segundo Barbosa (2002, p.30), ao fazer um breve percurso pelo ensino de arte no Brasil, verificou que tem origem com os Jesuítas, com a Catequização dos índios nas oficinas de artesões um caminho pedagógico durante aproximadamente de 300 anos, até que os religiosos foram expulsos do Brasil (1759). Segue com a missão artística francesa para a construção da Academia de Belas Artes (1816) no ensino formal de arte, com regras rigorosas para produção de obras de arte, mas, apenas acessível à elite.

Durante a maior parte do percurso do ensino de arte, imperou no ensino de arte as habilidades técnicas e manuais, para a formação do desenhista. Porém, em 1889 com a Proclamação da República, as ideias liberais num cenário de contestação e transformação social, política e econômica influenciaram a educação.

Segundo Soares (1996), a trajetória da educação para adultos também tem sua origem na colonização, seguida de campanhas contra o analfabetismo, principalmente no momento pós-guerra em que mundo se encontrava. A agitação política com o fim do Estado Novo fomentou mudanças na educação, pois trazia consigo no processo de redemocratização a necessidade de indivíduos escolarizados para o aumento de eleitores no país.

Em 1920, o ensino de arte foi incluído no currículo escolar como atividade de apoio a outras disciplinas, na efervescência do Movimento da Escola Nova. Dar-se nesse período, importantes movimentos culturais, influenciados pela tendência psicológica e pautados na ligação entre arte e educação durante o século XX, de acordo com PCN (1997, p.23):

Entre os anos 20 e 70, as escolas brasileiras viveram outras experiências no âmbito do ensino e aprendizagem de arte, fortemente sustentadas pela estética modernista e com base na tendência escolanovista. O ensino de Arte volta-se para o desenvolvimento natural da criança, centrado no respeito à suas necessidades e aspirações, valorizando suas formas de expressão e de compreensão do mundo. As práticas pedagógicas, que eram diretivas, com ênfase na repetição de modelos e no professor, são redimensionadas deslocando-se a ênfase para os processos de desenvolvimento do aluno e sua criação.

Neste contexto, em 1922 aconteceu a Semana da Arte Moderna, um marco no ensino de arte. Neste Movimento estiveram envolvidos artistas de várias modalidades entre elas, artes plásticas, música, poesia, dança, arquitetura etc. Assim, o modernismo trouxe consigo a ideia de livre expressão em contra ponto ao rigor técnico do ensino tradicional. Abrindo espaço para a propagação de escolinhas de arte em todo Brasil (1948) que tinha como foco “educar através da arte”.

Neste cenário, conteúdo como desenho e o canto orfeônico de alguma forma conservavam na pedagogia tradicional a metodologia do ensino artístico até 1960. Em 1961, com a promulgação de mais uma LDB, o canto orfeônico foi substituído pela disciplina de educação musical.

A LDB 5692/71 traz a obrigatoriedade do ensino de arte por professores de outras áreas, sem qualquer formação ou especialização para educação artística. São avanços e retrocessos que marcam essa trajetória, são séculos no ensino de arte como técnica para o trabalho, décadas como ferramenta para outras disciplinas, décadas como expressão da criatividade, mas sem conteúdo.

O ensino de arte foi inserido na grade curricular das instituições escolares com objetivo de melhorar o desenvolvimento dos educandos. Porém, no que se refere à expressão e à produção artística não se grandes avanços.

O rumo ensino da arte sofre mudança metodológica e epistemológica com o Movimento Arte-Educação que surgiu nos anos 1980, com o objetivo de buscar inovações no trabalho dos professores de Arte e de ampliar os conhecimentos na área. Este Movimento se propagou pelo país, amparado pela constituição de 1988. A nomenclatura do ensino de arte passa de Educação artística para Arte-Educação.

A partir dos anos 90, a epistemologia muda para o Ensino de Arte, os avanços pedagógicos precisam continuar a acontecer ao empreender esforços para superar tantos obstáculos na educação brasileira, que vão da ausência de profissionais especializados às escolas menos empenhadas para o ensino de Arte, discorre Haddad e Di Pierro (2000):

O Brasil que ingressa no século XXI está integrado cultural, tecnológica e economicamente a essas sociedades pós-industriais, e comporta dentro de si realidades tão desiguais que fazem com que as possibilidades e os desafios da educação permanente também estejam colocados para extensas parcelas de nossa população. O desafio maior, entretanto, será encontrar caminhos para fazer convergir as metodologias e práticas da educação continuada em favor de problemas do século XIX, como a universalização da alfabetização. (p.128)

A aprendizagem da Arte é obrigatória pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB 9.394, 1996), ela está presente no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, no entanto, essa obrigatoriedade não é suficiente para garantir a presença da Arte na sala de aula. Somente as posturas do professor e da Instituição podem torná-la essencial no favorecimento e

crescimento individual dos educandos. Uma vez que o professor da EJA tem autonomia na definição da grade de horário das aulas de sua turma nessa escola.

Para Saviani (1983), a educação na contemporaneidade sofreu influência de outras áreas:

Deslocou o eixo da questão pedagógica do intelecto para o sentimento; do aspecto lógico para o psicológico; dos conteúdos cognitivos para os métodos ou processos pedagógicos; do professor para o aluno; do esforço para interesse; da disciplina para a espontaneidade; do diretivismo para o não diretivismo; da quantidade para a qualidade; de uma pedagogia de inspiração filosófica centrada na ciência da lógica para uma pedagogia de inspiração experimental, baseada, principalmente, nas contribuições da biologia e da psicologia (SAVIANI, 1983, p.12-13).

Contribuindo assim, para que a formação do educando fosse concebida em novas bases, destacando a importância do pensamento e dos sentidos do ser humano (JAPIASSU, 2001, p.28). No entanto, ainda assim, de modo geral, o ensino de arte se divide com as tendências da escola tradicional, que mantem a ideia de cópia e habilidades manuais como ponto de partida.

Hoje, a arte é área de conhecimento obrigatório na educação básica em todo país amparada pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB 9394/96, §22), pelos Parâmetros Curriculares Nacionais PCNs/97, e pelos os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte para o ensino fundamental (PCNs/1998 – Artes) fortalecendo-se com isso, um novo processo histórico do ensino e aprendizagem da arte. A lei 13.415/2016, que torna obrigatório o ensino das quatro linguagens da arte na educação básica: dança, música, teatro, artes visuais.

2. TRAJETÓRIA DA ESCOLARIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL.

O presente trabalho faz uma breve revisão histórica na Educação de Jovens e Adultos que marcaram o seu desenvolvimento na democratização dessa modalidade de ensino. A educação de jovens e adultos é uma etapa consideravelmente nova no cenário educacional do Brasil, embora já existissem iniciativas no período colonial. Segundo Haddad e Di Pierro (2000, p.109), “no Império, 82% da população com idade superior a cinco anos era analfabeta”.

A primeira Constituição Federal Brasileira em 1924 garantia de uma instrução primária e gratuita para todos os cidadãos (HADDAD E DI PIERRO, 2000, p.109), com forte influencia europeia, porém acessível à elite econômica. A constituição de 1934 delegava a responsabilidade da educação básica às Províncias para atender a população mais carente.

A valorização dessa etapa de ensino tem diferentes focos: com o objetivo de dominar as técnicas de produção, adquirir a leitura e escrita para ascender socialmente, a alfabetização de adultos para ampliação de pessoas aptas para votar diante da exclusão dos analfabetos da participação pelo voto pela Constituição de 1891. Assim, esta modalidade de ensino tem sido marcada por movimentos e campanhas entre elas: atividades de Missões Rurais (1952), Campanha de Pé no Chão Também (1961), Campanha Nacional da Eradicação do Analfabetismo (MEC - 1958), Campanha de educação de Adolescentes e Adultos (CEAA - 1947), Cursos para Professores (MES-CEAA- 1950), MOBREAL (1970) etc. na tentativa de superar o analfabetismo no país.

Fatores econômicos e históricos influenciam a educação no Brasil: a industrialização e à aceleração da urbanização no país, a Revolução de 1930, a Ditadura de 1945, o Golpe Militar de 64, entre outros. No ano de 1985 o MOBREAL chega ao fim e surge a Fundação EDUCAR, que ao invés de executar projetos preferiu apoiar as experiências existentes. A LDB 5.692-71 no capítulo IV foi regulamentada o Ensino Supletivo, apresentado como um projeto moderno.

Entretanto, foi com a Constituição de 1988 no artigo 208, que jovens e adultos tiveram o direito garantido à educação básica e gratuita independente da idade. Todavia, em 1996 uma emenda na Constituição Federal fez com que o ensino fundamental não fosse mais obrigatório para jovens e adultos. Assim, essa modalidade tem sido marcada por avanços e retrocessos. Planos, Leis, Reformas, Parecer CNE/CEB 11/2000, Programas (PROJOVEM-2005),

(POEJA-2006), (PRONATEC-11), (PROGRAMA BRASIL-2003), estiveram presentes nos anos 90 (HADDAD E DI PIERRO, 2000, p. 121-125) até os dias atuais.

No século XX o percentual de analfabetos, segundo Haddad e Di Pierro (2000, p.126) declinou para 15% da população de jovens e adultos. Diante da nova identidade do estudante da EJA novos Fundamentos e Funções foram instituídos neste universo, assim como conceitos e funções (PARECER CEB 11-2000, p.30-39). Ressaltando com isso a educação como uma “chave indispensável para o exercício da cidadania na sociedade contemporânea” (p.42). Em 2015 esse percentual baixa para 8,0% (IBGE, 2015). Contudo, esta realidade está longe de ser a ideal.

3. A IMPORTANCIA DA ARTE NA EDUCAÇÃO

A Arte, enquanto forma de linguagem, comunicação, interpretação e representação de mundo, é parte importante no desenvolvimento humano. Neste contexto, uma forma privilegiada, um instrumento facilitador para o desenvolvimento da consciência, que pode provocar encantamento ou “maravilhamento” no aprendiz. O conhecimento do meio faz parte do processo pelo qual o ser humano amplia seu saber.

A definição de arte pelo novo dicionário Aurélio significa, “habilidade ou disposição dirigida para a execução de uma finalidade prática ou teórica, realizada de forma consciente, controlada e racional. Ou o conjunto de meios e procedimentos através dos quais é possível a obtenção de finalidades prática ou a produção de objetos; técnica”. Porém, diante da diversidade que a arte se apresenta fica às vezes difícil de defini-la. Ao analisar as ideias de Adorno, Aguiar (2008, p.36) reafirma que concepção de arte não deve ser desvinculada de seu compromisso social.

Assim, tal palavra pode ser usada com diferentes significados, pode-se referir além da arte de executar alguma tarefa com perfeição, pode ser usada popularmente para definir quando a criança faz uma trela, quando faz algo diferente, espetaculosa.

Enquanto que o significado de cultura pelo mesmo dicionário Aurélio quer dizer: “o conjunto de manifestações artística, sociais, linguísticas e comportamentais de um povo ou civilização”, sendo assim, há uma linha tênue que separa os dois conceitos. A discussão continua na comunidade artística ou no senso comum do que deve ser considerada arte. Porém, o que essa pesquisa pretende não é necessariamente exercitar um treino no olhar, mas, despertar o sensível que existe dentro de cada um de nós, como aponta Duarte Junior (2010).

O ensino da arte na infância e na adolescência tem sido fartamente discutido por grandes teóricos como Barbosa (2003), cujos argumentos fundamentam a educação no Brasil. Entretanto, ensinar arte para adultos tem um significado bastante distinto de ensinar Arte para criança. Nas crianças o fazer artístico está muito ligado a fase sensório-motor, que se utiliza da prática, recurso essencial para o desenvolvimento da criança como diria a Teoria Genética do Desenvolvimento de Piaget, no que se refere ao desenvolvimento da personalidade e físico.

O adulto analfabeto, no entanto, de personalidade já formada possui maior capacidade de raciocinar e resolver problemas, pois a maturidade faz a diferença. Utiliza-se dos conhecimentos prévios como ferramenta para a construção de novos conhecimentos. Para

alguns estudiosos precisamos estar atentos para não cometer o equívoco de tratar adultos como crianças, de infantilizá-los.

Nesse sentido, insistimos em discutir a importância do ensino da arte na escola ressaltada por Barbosa (2003, p.26), quando elenca que: “especialmente em duas etapas do desenvolvimento humano, na alfabetização e na adolescência. Visto que, nestas etapas da vida, a arte facilita o desenvolvimento cognitivo e psicomotor, e canaliza a emoção que predomina no estágio da adolescência”.

Mahoney (2004, p.86) enfatiza que, entender cada fase de desenvolvimento e de aprendizagem é um apoio para o trabalho do professor no seu fazer pedagógico. Assim, deve-se buscar compreender o indivíduo de forma integral, sendo o estudante um ser cognitivo, motor e afetivo ao mesmo tempo, segundo a Teoria de Wallon (2004).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica Nacional (LDB 9394/96), no seu Artigo 2º declara que: “o ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.” Ainda assim, cabe ao professor a mediação e aproximação do estudante com a arte e cultura em sala de aula.

Os Parâmetros Curriculares de Arte (1998) apresentam-se como documentos que inovam a abordagem pedagógica e introduzem a discussão de novos conceitos, como a ideia de desenvolvimento do ensino de referências estéticas ao falar em apreciação, fruição e articulação de sentidos, servindo de sugestão que podem ser visitadas pelo professor.

A arte desenvolve a capacidade de aprender, reitera Barbosa (2002). O ensino de Arte nas escolas incentiva a criatividade, facilita o processo de aprendizagem e prepara melhor os estudantes para enfrentar o mundo. Mesmo reconhecendo a arte como fonte de alegria e prazer, a autora comenta:

Arte não é apenas básica, mas fundamental na educação de um país que se desenvolve. Arte não é enfeite, arte é cognição, é profissão e é uma forma diferente... interpretar o mundo, a realidade o imaginário e é conteúdo. Como conteúdo, arte representa o melhor trabalho do ser humano (BARBOSA, 2002, p.4).

Para Barbosa, aula de arte é mais que atividades lúdicas de relaxamento e lazer, a autora defende uma abordagem da disciplina de arte que contenha conteúdo. Considera que o bom ensino de arte precisa associar o ver, o fazer e o contextualizar, assim, para apreender, é preciso ver a imagem e atribuir significados a ela. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de

Arte (2000, p.31) ressaltam que: “(...) o caminhar pedagógico-artístico tem por premissa básica a integração do fazer artístico, a apreciação da obra de arte e sua contextualização histórica”.

Nesta direção, o principal objetivo da arte na educação é propiciar o desenvolvimento do pensamento e da percepção artística, ou seja, desenvolver no discente sensibilidade, percepção e imaginação ao realizar e apreciar as formas artísticas individualmente ou em grupo, não necessariamente procurar talentos artísticos.

Japiassu (2001) destaca a relação da arte com a educação e busca o apoio dos agentes envolvidos ao constatar que:

O ensino das artes, na educação escolar brasileira, segue concebido por muitos professores, funcionários de escolas, pais de alunos e estudantes como supérfluo, caracterizado quase sempre como lazer, recreação ou “ou luxo” – apenas permitido a criança e adolescentes das classes econômicas mais favorecidas”. (p.23)

Behrens (2003, p.65) no seu livro sobre paradigmas inovadores, resalta “que as inteligências múltiplas vão além da inteligência linguística e matemática, e deveriam ser também contempladas pelo processo pedagógico do sistema tradicional de ensino”. Indica que a abordagem holística estimula no aprendiz o desenvolvimento harmonioso das dimensões da totalidade pessoal: física, intelectual, emocional e espiritual, quando cita Weil:

Pela força da escolaridade, disso resulta uma visão unilateral do mundo, puramente intelectual, onde sentimentos e valores são relegados a segundo plano ou simplesmente ignorados. O conhecimento se torna uma espécie de mercadoria a ser adquirida e estocada no armazém da memória. A mentalidade consumista se introduz no seio mesmo da educação. O hemisfério cerebral esquerdo passa a predominar sobre as áreas intuitivas e criativas do hemisfério direito. Muitas vezes, o produto final dessa fragmentação é o tecnocrata ou burocrata frio, insensível e profundamente “egoísta”. (p.60)

Pensar a educação de jovens, adultos sob a perspectiva estética implica em reconhecer que esses homens e mulheres são sujeitos históricos, com uma carga cultural sedimentada, cujas experiências e visão de mundo podem ser aliadas ao processo de ensino e aprendizado em sala de aula. A escola deve considerar os papéis distintos desses sujeitos adultos na sociedade com relação à inserção em situações de aprendizagem, as peculiaridades dessa etapa de vida, onde se encontra diferentes habilidades e dificuldades que as crianças não têm.

Segundo Barbosa (2003), provavelmente, esses indivíduos têm maior capacidade de reflexão sobre o conhecimento e seus próprios processos de aprendizagem. Segundo Carbonell (2012):

Dimensionar a Educação de Jovens e Adultos sob o paradigma da estética significa investir em sujeitos autônomos, que se reconhecem como fazedores de história; indivíduos curiosos, sensíveis, criativos, intuitivos, plenos e inteiros em sua relação consigo, com o outro e com o mundo; sujeitos livres para se autodeterminarem, para orientarem seus desejos, para sonharem... (p.23).

É por esta razão, nossa proposta é trabalhar na construção de Fanzines com esses educandos, explorar suas biografias. Neste interim, identificar o significado de arte para esse grupo e sensibilizá-los com relação a arte.

No PCN do Ensino de Arte para a EJA (1998), é pertinente encontrar itens que valorizem os conhecimentos prévios dos discentes em termos de interesses, valores, apreciações etc., assim, ao perceber a atitude diante do processo de ensino o professor deve considerar que:

Fazendo parte de um grupo heterogêneo, o aluno da EJA leva para a sala de aula valores, crenças, objetos, conhecimento de músicas, danças, festas de tradição que se tornam ricos materiais para as aulas de arte (p.138).

Neste sentido, é muito importante ter como ponto de partida trabalhar a autoestima destes cidadãos para que se sintam seguros, como sugere Barbosa (2003):

Conhecer a prática social e cultural vividas pelos alunos no que diz respeito aos aspectos artísticos, estéticos e históricos abordados em seu fazer é de fundamental importância (...)na leitura da imagem, busca aproximação com a obra e possibilita ao aluno desenvolver as habilidades de perceber, descrever, analisar, interpretar e julgar uma obra ou imagens diversas na tentativa de aproximar as imagens, de estabelecer relações com o dia-a-dia e com a vida (p.67).

4. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DE ARTE

“A pesquisa-ação educacional é principalmente uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino”, afirma David Tripp (2005, p.445) da Universidade de Murdoch.

No processo da metodologia pesquisa ação é necessário diagnosticar determinada situação, elaborar uma estratégia de ação, implantar e avaliar. A pesquisa-ação surge como nova proposta metodológica, aproximando a teoria da prática. Neste sentido, Maria Amélia Santoro Franco (2005) afirma:

Se alguém opta por trabalhar com pesquisa-ação, por certo tem a convicção de que pesquisa e ação podem e devem caminhar juntas quando se pretende a transformação da prática. No entanto, a direção, o sentido e a intencionalidade dessa transformação serão o eixo da caracterização da abordagem da pesquisa-ação (p.485).

A grande questão é: como se constrói o conhecimento em arte dos educandos jovens e adultos? A Abordagem Triangular fomenta a ideia da “Pedagogia Problematizadora” denominada por Paulo Freire (BARBOSA, 2010, p.36), ao instaurar o diálogo como o ponto de partida para qualquer instancia educativa. Logo, o diálogo somente se constitui quando as pessoas reconhecem o direito que os outros possuem de expor suas ideias e expressar sua opinião, essa preocupação com o sujeito é pertinente na pedagogia humanista e libertadora.

Para Meirieu (1998), no cotidiano da sala de aula é primordial organizar o trabalho para que os estudantes saibam exatamente o que se espera deles. Este autor estabelece uma grade de referências para a prática da sala de aula em que se tenha uma visualização de questões fundamentais para a práxis pedagógica. No sentido de acordar com eles e mantê-los informados do roteiro das atividades em sala de aula. Eles têm maior compreensão sob o aprendizado, e se mostraram muito comprometidos com as tarefas para que ocorressem como planejadas, de envolver todos, de ajudar.

Segundo Veiga (1996, p.42), a aula expositiva dialógica é mais de que uma conversação é uma relação de diálogo entre professor e estudante, intercâmbio de conhecimentos e experiências. Para a valorização dos conhecimentos prévios e pensamento crítico essa dimensão de ensino se configura numa forma de professores se organizarem em busca de uma educação transformadora.

Para Barbosa (2008, p.99) “A arte como linguagem aguçadora dos sentidos transmite significados que não podem ser transmitidos por meio de nenhum outro tipo de linguagem, tal como a discursiva ou científica”. Assim, a arte está ligada à sensibilidade do indivíduo, fomentada na perspectiva estética.

O tripé: ver, fazer contextualizar, trata-se de um marco histórico do Ensino da Arte no Brasil (1983)¹. Ana Mae Barbosa o chama de “programa pioneiro”, por ter sido o primeiro a colocar como essencial a conexão da análise de obra de arte ou da imagem dela, com a história e a produção artística na estratégia pedagógica (BARBOSA, 2010, p.28).

A autora define a Abordagem Triangular como um mapa, uma bússola que indica o caminho, um ponto de partida para possibilidades de ensino e aprendizagem da Arte e não como uma receita pronta, para ser seguida passo a passo (BARBOSA, 2010, p.68,73).

Na Abordagem Triangular, Barbosa (2010, p.36) se refere a inclusão do referencial imagético, da necessidade do exercício do “ver” imagens e “ver” o mundo no qual se vive. O ensino na escola, apesar de não ser a única maneira de aproximação do sujeito com arte, deve valorizar os conteúdos pertinentes à linguagem artística (dança, teatro, música e artes visuais), aproximando o indivíduo do objeto de estudo na Grade Curricular da Rede Pública (ANEXO, B).

Barbosa (2010, p.37) faz menção à avalanche de informação imagética que invade nosso cotidiano, ressaltando esse campo fértil para o conteúdo para o currículo. Bem como a preocupação com o conhecimento histórico, de contextualizar, de promover com isso, o sentido de pertencimento de fazer parte da história, da cultura, da comunidade (p.32). Não apenas priorizar a produção artística, exaltando o prático dissociado de outros eixos de conhecimento.

“Na arte contemporânea, a leitura ou a apreciação é reconhecida bem como um dos modos de construir conhecimento em Arte”, afirmam Monteiro e Mostafa em seu trabalho inserido no livro: “Produção científica em arte/educação no Brasil e a Abordagem Triangular” (BARBOSA, 2010, p.197). Elencando com isso, as ações que conduzem ao

¹O **Festival Internacional de Inverno de Campos do Jordão Dr. Luís Arrobas Martins** é um grande festival de música erudita do Brasil desde 1970, no mês de julho, Campos do Jordão, São Paulo. De início denominada Metodologia Triangular, passou a ser chamada Proposta Triangular; agora Ana Mae Barbosa se refere a ela como Abordagem Triangular (cf. BARBOSA, 2005).

processo de aprendizagem precisam ser acessadas pelos educandos através do contato com a Arte.

No livro “A Imagem no Ensino da Arte” de Barbosa, a autora discorre sobre metodologias e métodos para o ensino de arte. Sugere algumas questões e atividades que incrementam o fazer pedagógico e argumentos para a avaliação do ensino de Arte que pode servir de apoio para a elaboração das aulas. Bem como Carbonell (2012) em seu livro “Educação Estética na EJA” descreve experiências didáticas pedagógicas para favorecer a construção do conhecimento do aprendiz adulto. Para ela, a aplicação de metodologias apropriadas no ensino de Arte devem ter situações didáticas que promovam encantamento, prazer perante o conhecimento.

Santos (2007) argumenta que a “atitude lúdica” do educador e dos educandos não se restringe a jogos e brinquedos, mas a postura. A autora também lembra os argumentos de Santin (1994) ao afirmar que as vivências lúdicas podem resgatar a sensibilidade adormecida.

O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção de conhecimento (p. 60).

A disciplina de arte na escola, diante das principais linguagens artísticas selecionadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1998): música, dança, teatro e artes visuais se traduzem em formas capazes de expressar e comunicar ideias e sensações, sentimentos e pensamentos que deveriam justificar sua inserção no currículo da EJA e no contexto da educação. Considerando que suas implicações no cotidiano, devem-se resgatar os conhecimentos prévios de um grupo heterogêneo.

Neste contexto, será possível o professor conseguir desenvolver no aprendiz competência artística e estética em suas diversas modalidades? Visto que, conceitos de genialidade, de dom, de inspiração e magia ainda estão marcados na Arte. Para Carbonell (2012):

desvelar o mistério que envolve talento e inspiração, levar os estudantes a perceberem que a sensibilidade se desenvolve com o tempo, o talento se cultiva, a inspiração é fruto de insights nascidos na experiência, no exercício e na consolidação de fatos vividos... arte é trabalho, e não uma atividade irracional, mágica, ócios a. (p.45)

É fato que a educação na contemporaneidade prima pela valorização do conhecimento intelectual, do conteúdo científico. Numa sociedade competitiva e consumista, tempo é

dinheiro. No ritmo agitado que levamos, onde o imediatismo, o prático e utilitarista é o que vigora. Em meio a essa visão produtivista, Duarte Junior (2010, p.25) denuncia: “encontramos no verdadeiro limite entre a civilização e a barbárie”, e ainda, “Parece que estamos nos tornando mais e mais insensíveis”. Nos sobra pouco tempo para atividades estéticas prazerosas.

Mas, como propiciar uma experiência significativa com o universo da Arte e não apenas um acúmulo de dados sobre um artista, uma época, matérias e elementos artísticos? Embora, esse processo de ensino e aprendizagem de Arte seja complexo, também não deve servir apenas para a canalização do emocional ou como catarse, enfatiza Barbosa (BARBOSA, 2002, p.41). Segundo Barbosa (2002):

Se pretendermos uma educação não apenas intelectual, mas principalmente humanizadora, a necessidade da arte é ainda mais crucial para desenvolver a percepção e a imaginação, para captar a realidade circundante e desenvolver a capacidade criadora necessária à modificação desta realidade (p.5).

Há uma preocupação genuína no trabalho de Duarte Junior (2010, p.29) com a educação da sensibilidade ao lançar o olhar sobre a arte. Segundo esse autor, os docentes se prendem muito nas “explicações” acerca da arte. Para Carbonell (2012), “sensível não está radicalmente separado do inteligível, ele possui uma função de conhecimento” (p.22). Essa autora parafrasea também Ostrower (1998) quando diz: “(...) a arte é a linguagem natural da humanidade”, pois, acredita que a arte produz uma forma peculiar de conhecimento. Dessa maneira, essas, não são áreas estanques.

Dentre os objetivos de ensino da área de Arte apresentados para a educação de jovens, adultos (vol.3, p.138-139) estão relacionados o seguinte:

experimentar e explorar as possibilidades de cada linguagem artística e observar as relações entre a arte e a leitura da realidade, refletindo, investigando, indagando, com interesse e curiosidade, exercitando a discussão, a sensibilidade, argumentando e apreciando arte de modo sensível.

TABELA: OBJETIVOS DA APRENDIZAGEM DE ARTE (p.137-140)

1. Experimentar e explorar as possibilidades de cada linguagem artística.
2. Compreender e utilizar a arte como linguagem, mantendo uma atitude de busca pessoal e/ou coletiva, articulando a percepção, a imaginação, a emoção, a investigação, a sensibilidade e a reflexão ao realizar e fruir produções artísticas.
3. Experimentar e conhecer materiais, instrumentos e procedimentos artísticos diversos em Arte (artes visuais, dança, música, teatro), de modo a utilizá-los em trabalhos pessoais, identificá-los e interpretá-los na apreciação e contextualizá-los culturalmente.
4. Construir uma relação de autoconfiança com a produção artística pessoal e o conhecimento estético, respeitando a própria produção e a dos colegas, sabendo receber e elaborar críticas.

5. Identificar, relacionar e compreender a arte como fato histórico contextualizado nas diversas culturas, conhecendo, respeitando e podendo observar as produções presentes no entorno, assim como as demais do patrimônio cultural e do universo cultural e natural, identificando a existência de diferenças nos padrões artísticos e estéticos de diferentes grupos.
6. Observar as relações entre a arte e a leitura da realidade, refletindo, investigando, indagando, com interesse e curiosidade, exercitando a discussão, a sensibilidade, argumentando e apreciando arte de modo sensível.
7. Identificar, relacionar e compreender os diferentes âmbitos da arte, do trabalho e da produção dos artistas.
8. Identificar, investigar e organizar informações sobre a arte, reconhecendo e compreendendo a variedade dos produtos artísticos e concepções estéticas presentes na história das diferentes culturas e etnias.
9. Pesquisar e saber organizar informações sobre arte em contato com artistas, obras de arte, fontes de comunicação e informação.

A proposta de nossa pesquisa ao desenrolar o projeto didático como tema sugerido: “A gente faz a história”, tendo como produto final a confecção de Fanzines autobiográficos para o ensino de arte numa perspectiva estética, tem a intenção de retratar a história de vida e vivências dos educandos da turma. Levar em consideração, seus conhecimentos prévios e manter o foco de interesse. Segundo Nogueira (1998):

Na realidade, os projetos são ferramentas que possibilitam melhor forma de trabalhar os velhos conteúdos de maneira mais atraente e interessante e, ainda, focada no aluno, percebendo individualmente os diferentes níveis de interesse, assim como as dificuldades e as potencialidades de cada um (p.39).

Os projetos trazem vida real para a sala e aula, envolve mais os estudantes nas atividades, promove a interdisciplinaridade de conteúdos. A característica marcante dos Projetos é a possibilidade do desenvolvimento em múltiplas áreas do conhecimento. Com isso, o produto final construído na sala de aula foi socializado e exposto na escola, em especial na Feira Literária, considerando que o objetivo dessa ferramenta em articular são propósitos didáticos, ou seja, baseado no que os estudantes devam aprender. E sociais, através de um produto final que vai ser apreciado por alguém.

5. FANZINE COMO RECURSO PEDAGÓGICO

Fanzine é um gênero literário de fabricação artesanal. Consta que sua invenção aconteceu por volta de 1930, nos Estados Unidos, através dos amantes de ficção científica que gostariam de compartilhar informações e ideias sobre o tema. Assim, este nome vem da contração das palavras inglesas fanatic e magazine: fanzine (REV. IMAGINAÇÃO.Vol. 2, n. 3 Jan./Jun. 2010).

Segundo Busanello (2015, p.09), o Fanzine esteve associado a Movimentos de Cultura Popular, de Cultura de Massa, de Vanguardas Artísticas, Movimento de Contra-cultura etc. no decorrer do século XX e esta relação com Movimentos de Arte se estende até hoje.

Em português o nome Fanzine significa revista de fã, nos fãs clubes. A sua produção se dá geralmente em forma de revistinha, boletim ou informativo. Com limitada tiragem, popularizou-se para outras áreas de conhecimento. No Brasil, ele teve sua primeira publicação em 1965 por Edson Rontani (BUSANELLO,2015, p.20), até se popularizar nas décadas seguintes com as fotocópias. Com a continuação dos avanços tecnológicos os fanzines ganham a internet com todos os recursos a seu favor e espaço para divulgação.

Porém, na década de 30 tinha a maior parte de sua divulgação feita pelos Correios junto com todos os tipos os de impressos (jornais, postais, revistas de temas variados). Paraphraseando Freire (2008, p.57) Busanello (2015, p.29) destaca que “o Fanzine tem a especificidade de ser simples, barato, fácil, rápido e sem intermediários especializados para a sua divulgação” (museu ou galeria).

No entanto, A elaboração de nosso Fanzine insiste na forma artesanal, manual, livres de padrões rígidos de impressão. A confecção busca resgatar as histórias de vida dos discentes como um exercício prático para perspectiva estética. Possibilitando o trabalho com a cultural visual de maneira flexível. Visto que, puderam escolher as formas de se expressarem, ressaltando essa particularidade do Fanzine.

A utilização do Fanzine na escola tem uma abrangência considerável podendo passear por várias disciplinas e temas, tão bem registrados no livro de Donisete Pinto (2013). São experiências com Fanzines em salas de aula.

No nosso caso, trata-se da criação de Fanzines autobiográficos (biograficzines) por educandos em processo de alfabetização (módulo I). Indivíduos com pouca escolarização com

o desafio de expressar sua história de vida num papel, com narrativas pessoais de maneira diversa, em cinco aulas. Posto isso, a dificuldade de se elaborar algo que não é habitual foi pertinente neste trabalho. A articulação para tal empreendimento sobre o tripé: ver, fazer, contextualizar (BARBOSA, 1991) abriu um leque de possibilidades e assim como elenca o professor Elydio dos Santos Neto (PINTO, 2013, P.29) a preparação para se estabelecer um processo mental utilizamos a música, PowerPoint para a aproximação do educando com a arte, dinâmicas.

Nesse processo de resgate das memórias foi feito o exercício de refletir sobre o que e como narrar essas histórias. São Fanzines autobiográficos organizados da seguinte maneira em cinco aulas de arte através de um projeto didático:

1ªetapa- discussão sobre linguagens artísticas - desafio lançado para a elaboração do Fanzine

2ªetapa- seleção eventos históricos – construção de duas partes do Fanzine : família e Recife

3ªetapa-elaboração das partes - por que não estava na escola na idade certa e o que faz hoje

4ªetapa- confecção da capa - autorretrato

5ªetapa- resposta do motivo pelo qual está na escola hoje - socialização das histórias e exposição dos trabalhos

Donisete Pinto (2013) argumenta que o Fanzine “estabelece um vínculo maior com o que está sendo estudado” (p.49), conforme os registros podem transitar em diversos níveis de ensino, em qualquer componente curricular. No prefácio deste livro acima citado Elydio dos Santos Neto alerta para “muitas práticas escolares, apesar de um discurso democrático, dialogal e participativo, são, na verdade, ainda práticas bancárias, autoritárias, domesticadoras” (p.11). A proposta do Fanzine trás consigo a sugestão de re-invenção, capazes de provocar espanto, reflexão, indignação, rebeldia e transformações, por menores que seja” (p.10).

6. DIFICULDADES E DESAFIOS EDUCATIVOS PARA OS ESTUDANTES DA EJA

Um dos grandes desafios da educação no século XXI é o atendimento escolar numa perspectiva inclusiva. São esforços com intuito de promover uma “educação para todos” como prevê a Constituição Federal atual em seu artigo 205:

A educação como direito de todos, dever do Estado e da família, com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A educação é um instrumento indispensável para o exercício da cidadania na sociedade contemporânea, assim, ela precisa acompanhar as mudanças e inovações dos tempos modernos. A EJA pode representar uma promessa de efetivar um caminho de desenvolvimento as pessoas que por alguma razão não foram alfabetizadas no tempo certo, podendo possibilitar ao indivíduo a oportunidade de ter maior qualificação na vida ou qualidade de vida. Nessa perspectiva, algumas das questões da educação da EJA nos remetem a de especificidade cultural.

Esse processo de inclusão de acordo com a Declaração de Salamanca (1994) sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais, tem a ver com a dinâmica social. Nessa direção, o presente trabalho volta o olhar para uma disciplina que outrora teve grande relevância na história da civilização. Pois na antiguidade clássica, a arte era objeto de estudo de grandes pensadores que evocavam questões referentes à percepção e a sensibilidade. Nos dias atuais, o ensino da Arte luta por espaços nas escolas brasileiras, diante da priorização do profissional, do conhecimento científico.

A inserção de um ensino dinâmico e que atenda às necessidades básicas dos indivíduos pode ser fundamental para a relação ensino-aprendizagem, visando a contextualização do conhecimento teórico e a experiência prática com a realidade da situação de vida do discente. Carbonell (2012) defende que a sintonia entre a escola e os estudantes dessa modalidade da educação, traga a cultura como base no processo de ensino e aprendizagem. Estamos falando do adulto com baixo nível de instrução escolar, condição esta que difere ainda mais nos processos de construção de conhecimento e aprendizagem do processo e cognição da criança, do adolescente e do adulto que já possui uma formação acadêmica e que deseja aperfeiçoar seus conhecimentos. Oliveira (1999) confirma esse alerta para o que pode ser outras dificuldades na trajetória educativa desse grupo quando diz:

Os altos índices de evasão e repetência nos programas de Educação de Jovens e Adultos indicam falta de sintonia entre essa escola e os alunos que dela se

servem...embora não podemos desconsiderar, a esse respeito, fatores de ordem socioeconômica que acabam por impedir que os alunos se dediquem plenamente a seu projeto pessoal de envolvimento nesses programas (p.62).

Fatores econômicos continuam a interferir no avanço educacional desses sujeitos. Sinaliza o Parecer CEB 11/2000 (SOARES, 2002): “...são adultos ou jovens adultos, via de regra mais pobres e com vida escolar mais acidentada. Estudantes que aspiram a trabalhar, trabalhadores que precisam estudar, ...”.

Em seu trabalho Oliveira (1999), aponta outros problemas que podem determinar a competência cognitiva de pessoas mais velhas, sugere que depende de um conjunto de fatores e não só da idade cronológica. Ao citar Palacios (1995:315) destaca alguns fatores importantes que podem interferir nesse processo de aprendizagem: “(...)o nível de saúde, o nível educativo e cultural, a experiência profissional e o tônus vital da pessoa (sua motivação, bem estar psicológico)”.

Oliveira (1999) ressalta que as diferenças entre a educação de crianças e a de jovens e adultos que buscam a escola tardiamente, considerando que cada faixa etária tem sua especificidade. Ao ressaltar as características dos adultos, a autora nos convida a refletir como desenvolver um processo de ensino e aprendizagem em sala de aulas sem infantilizá-los. Outro incômodo para esses estudantes que Gomes (2007, p.03) coloca em discussão, é a situação de desconforto pessoal em que se encontra o adulto nesse contexto, situação essa que pode influenciar no seu processo de aprendizagem, pois esse aprendiz tem vergonha, sente-se humilhado, inseguro pelo fato de não ser alfabetizados e precisar frequentar a escola depois de adulto pontua também por Marta Kohl seus estudos (Oliveira, 1989).

Carbonell (2012) discorre sobre a “soltura” do fazer que “mora” na criança. Elas são destemidas, com elas podem ser desenvolvidas infinitas técnicas para explorar a disciplina de Arte. Enquanto que no adulto há um bloqueio para tecer uma experiência artística em sua complexidade. A autora afirma que indivíduo adulto tem mais dificuldade com a técnica e mais facilidade com a compreensão. A ação pedagógica assim diferencia-se muito quando direcionada ao adulto.

Outro gargalo presente nesta disciplina diz respeito a subjetividade no momento da avaliação. Para Iavelberg e Arslan (2009), “avaliação é um procedimento complexo, uma tarefa sensível e cognitiva que requer ainda mais cuidados por se tratar de uma área na qual os produtos do fazer artístico do aluno expressam sua cultura e subjetividade” (p.79). Ressalta

que os critérios e orientações para essa tarefa polêmica, deve ter caráter formativo e informativo, considerando as conquistas, os esforços, a persistência, dedicação à aprendizagem e a postura criadora. Seguem dando algumas pistas que podem ajudar a compreender as ações de planejamento de uma avaliação nas páginas seguintes do seu livro.

Tendo em vista o argumento de Carbonell (2012) de provocar entusiasmo e “maravilhamento” nesses educandos, visto que, carregam consigo o estigma de não avançarem para outros níveis de escolarização. E diante de barreiras sociais e econômicas especialmente, que dificultam o estudo pessoal desses adultos, esse trabalho deseja experimentar estratégias pedagógicas que levem a uma atitude prazerosa para a aprendizagem em Arte, ao atender ao chamado de Fonseca (2002):

A carência de produção sobre os aspectos cognitivos, e também afetivos do aprendiz adulto pouco escolarizado representa uma laguna muito significativa (...). Assim, fica mais uma vez registrada a demanda de sistematização da reflexão sobre aspectos da dinâmica da EJA, convocando os educadores a se debruçarem sobre tais aspectos de maneira investigativa e a compartilharem suas indagações e esforços de respostas com outros educadores por meio de trabalhos acadêmicos ou de divulgação de experiências. (p.62).

A democratização, ao abrir as portas da universalização da educação, abre espaço para fincamos o olhar num grupo e numa disciplina há muito considerados excluídos. Com isso, este trabalho nos dá uma tarefa grandiosa ao investigar o Ensino de Arte na Educação de Jovens e Adultos.

7. METODOLOGIA

Essa investigação foi motivada pelo interesse em perceber a possibilidade de ampliação do significado de arte, em instigar a sensibilidade e percepção estética de jovens e adultos do 1º módulo do Ensino Fundamental I.

A metodologia adotada é a qualitativa do tipo etnográfica, utilizando-se como suporte teórico a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa e as ideias de Duarte Junior e Carbonell, entre outros autores, além dos documentos legais (PCNs) para área de Arte e da Educação de Jovens Adultos.

Este trabalho foi realizado numa escola pública da região metropolitana do Recife, com estudantes de uma sala da EJA do 1ºmódulo (Fundamental I). A referida escola foi fundada em 1862 e reinaugurada em 2012 em outro endereço e sua clientela é formada por moradores do bairro Iputinga e adjacências (crianças, pré-adolescentes e adultos), oriundos de famílias de baixa renda que vivem de atividades informais e com renda familiar inferior ao salário mínimo. Muitas famílias recebem benefícios dos programas de transferências de renda e programas sociais.

O que mais se observa nas famílias é: desemprego, pobreza, baixo nível de escolaridade dos pais, violência doméstica, drogas, sexualidade antecipada e ausência de cuidados básicos, segundo o projeto político-pedagógico, depoimentos de agentes escolares e das observações realizadas nessa pesquisa.

A estrutura física da instituição é de grande área construída, distribuída em 01 hall de entrada, 09 salas de aula, 01 biblioteca, 01 sala de professores, 10 banheiros, 01 secretaria, 01 sala para a direção e uma para a coordenação, 01 cozinha, 01 almoxarifado, 01 sala de AEE, 01 quadra coberta.

Quanto às modalidades de ensino, a escola oferece Educação Infantil, Ensino Fundamental I e Educação de Jovens e Adultos (EJA). O Ensino fundamental está organizado em anos (1º ao 5º ano) como preconiza a Política Pedagógica da Secretaria da Educação. Além de oferecer Programas e apoio pedagógico aos estudantes.

O corpo docente e administrativo da escola é formado por 19 professores regentes, 02 professores de atendimento educacional especializado (AEE), 01 professor readaptado em secretaria, 03 professores em cargos técnico-administrativos, 01 professor na função de coordenação pedagógica e 01 professora readaptada na biblioteca e 01 uma secretária. 01

estagiária de secretaria, 10 estagiários para atender aos estudantes com necessidades educativas especiais, 05 agentes de serviços gerais, 08 auxiliares de portaria.

A política de ensino da escola está de acordo com a abordagem da Secretaria da Educação do Recife, ou seja,

valorização das práticas pedagógicas que promovem a apropriação do conhecimento de forma significativa, processual e contínua, respeitando o indivíduo e o seu tempo de desenvolvimento, bem como a importância da interação e contextualização no processo de construção de aprendizagem. (Projeto Político Pedagógico da escola)

O estudante é avaliado desde a educação infantil a cada bimestre, com um parecer descritivo. Nos anos seguintes e na EJA eles são avaliados por notas, sendo a média 6,0. O calendário escolar da rede pública vai até o dia 22 de dezembro, segundo a Secretaria da Educação do Recife.

Nesta Instituição cada professor da EJA define a agenda das aulas, segundo a professora da turma. Com isso, pouco ou quase nada dedicado ao ensino de Arte.

A coleta de informações através de observações do espaço físico da escola, dos equipamentos e materiais disponíveis, da rotina da turma, de entrevistas para traçar o perfil dos aprendizes e anotar descritivamente o que está acontecendo nas intervenções realizadas, as relações com a disciplina e entre eles, para explicar a lógica da realidade, como sugere Brandão (2007).

Além da proposta de intervenção pedagógica através da realização de uma pesquisa-ação, elaboramos o projeto didático: “A gente é quem faz a história”, com objetivo de ampliar a sensibilidade dos educandos com relação a arte e a percepção do meio em vive, através da construção de Fanzines autobiográficos, nos quais serão protagonistas, valorizando com isso, os saberes desses sujeitos como sugere Carbonell (2002, 103).

Considerando que a pesquisa-ação significa a pesquisa e sua aplicação prática, com a intenção de transformar a realidade ou a concepção do sujeito e do grupo sobre arte. Devido a lacuna de um repertório sobre a Arte nessa modalidade da Educação em nossos dias estimado por Fonseca (2002).

Constatamos que este trabalho contribuiu para que o estudante dessa turma da EJA amplie sua sensibilidade e concepções sobre arte. Assim, objetivamos trabalhar o discente como uma pessoa completa, com sua afetividade, suas percepções, suas expressões, seus sentimentos, sua crítica, sua criatividade e sua história de vida.

A escolha desse tipo de pesquisa tem a ver com a sugestão de colaboração para as aulas de arte por alguns professores da EJA da referida escola e do desejo de contribuir com uma das metas do seu Projeto Político Pedagógico (PPP): abordar em sala de aula conteúdos relativos à cultura pernambucana, visto que, busca-se o conhecimento da cultura das cidades origens dos estudantes que vêm de diversas cidades, em especial, do Interior de Pernambuco e suas vivências no Recife. Partindo do pressuposto formulado por Carbonell (2002) que diz:

alguns desses educadores selecionam conteúdos e orientam atividades que estimulam sensorialmente os educandos, que possibilitam a aprendizagem de conhecimentos escolares partindo dos saberes sensíveis e primordiais dos sujeitos, dos conhecimentos da vida vivida, corroborando com o princípio de que a estética encontra-se na base do conhecimento humano, de que ela é parte essencial dos atos de ensinar e aprender (p.50).

Esse trabalho é relevante ao perceber que há uma ausência de aulas de arte nas escolas públicas consultadas na pesquisa exploratória, em especial, nessa modalidade de ensino. Com isso, orientada pelos argumentos de Oliveira (2011), na tentativa de adquirir maior familiaridade com o fenômeno pesquisado. Com tudo, não se quer com este trabalho centralizar-se nos problemas sobre o ensino de arte, mas deseja-se provocar uma experiência positiva no ensino de Arte para essa sala da EJA, numa perspectiva da educação estética.

Nos chama a atenção esse grupo que foi excluído da escola por tanto tempo, ressaltamos que esses indivíduos merecem uma atenção redobrada. Acredita-se que a arte pode trazer momentos de prazer e alegria no aprendizado, facilitando esse caminho de volta à escola.

Ao ressaltar o ver, o fazer, e a contextualização da Arte durante essa experiência, numa intervenção mediadora para a complexidade do conhecimento em arte. Essas ações são importantes, pois a educação é fundamentada na construção de conhecimento e tem na atividade humana, neste caso, a arte, a sua aplicação. Embora os jovens e adultos tenham sedimentado algumas percepções e conceitos de arte, eles podem ser ampliados, com o conhecimento do que são as diferentes manifestações artísticas e culturais.

Este trabalho ao ampliar nesses educandos a concepção de que arte é uma produção humana, ou seja, objeto de conhecimento que faz parte da vida desde os primórdios da humanidade. Além disso, instiga o interesse e o entusiasmo pelas aulas de arte bem como pela escola. Portanto, as concepções e práticas produzidas pelos estudantes acerca da arte são importantes, pois são construções de conhecimento baseadas em suas experiências de vida.

Ao preparar a turma para a construção de fanzines autobiográficos, apelamos para as recordações, fazendo-se um resgate da história de vida de cada um, provocamos neste momento uma reflexão sobre a importância do ensino da arte na sala de aula e do que se pode fazer para melhorar o status da disciplina nesta referida escola.

Nesta perspectiva, além das entrevistas com os discentes, aplicamos um projeto didático nessa turma, onde as estratégias pedagógicas deram aos educando oportunidades para uma educação estética, aguçando a percepção do educando. Para tanto, fundamenta-se nas ideias de Barbosa, Duarte Junior e Carbonell no tocante a sensibilidade e prazer no trato com a arte.

Assim, ao saber o entendimento do que é arte e como essa aula foi apresentada para esse grupo selecionado. Conhecer a origem das suas opiniões sobre arte no universo consensual, do que classifica e denomina arte, ou seja, “tirar do anonimato suas ideias sobre arte, sem precipitação” (SÁ, 1995, p.38).

Logo, ao registrar os achados da pesquisa através do que foi observado, das entrevistas e na pesquisa-ação, foi organizado em categorias. Consecutivamente, as entrevistas de narrativa aberta aconteceram de maneira coletiva na avaliação sobre a estratégia pedagógica, depois das intervenções da pesquisa-ação, para sinalizar se suas opiniões foram alteradas ou transformadas com relação às aulas de arte.

Ao conhecer os sujeitos dessa pesquisa através das entrevistas realizadas previamente, das observações em sala de aula, poderemos constatar algumas concepções: como percebem a arte no seu cotidiano, conhecer a aspectos de vida que influenciam nessas construções etc. compilando na confecção de Fanzines suas histórias de vida. Foram utilizados como recurso didático os fanzines ou zines como podem ser chamados, que são revistas artesanais, confeccionadas através de colagens, fragmentos de texto, desenhos, poesia, etc. buscando desta forma, transcender o senso comum e a simples reprodução como forma de experimentação de arte e cidadania.

Este Trabalho teve como objetivo geral a importância do ensino de arte na educação de jovens e adultos, promovendo com isso, o encontro entre a teoria trabalhada nas aulas de Artes e as histórias de vida do sujeito da EJA através da confecção dos Zines. Com a pretensão de que os alunos assimilem e compreendam os conteúdos de uma forma divertida e também reflexiva, levando em consideração suas experiências de vida. Ampliando a

concepção de arte e com a aproximação com a imagem da obra de arte para aumentar a sensibilidade desses sujeitos.

7.1. Cronograma

- a) A sequência didática realizou-se em horário de aula, respeitando-se os conteúdos programados pela professora. Assim, aproveitaremos o tema escolhido pela turma para se apresentar na Feira Literária da Escola. Planejamos centralizar as aulas de arte em conteúdos sobre Luiz Gonzaga, e nos materiais que os estudantes preferem sem nos distanciar do PPP da escola e na grade curricular da rede pública para a EJA. Foram programadas 05 intervenções pedagógicas que ocorreram nas terças e quartas-feiras das 19:00 até as 21:00, nas primeiras semanas de novembro/17. O trabalho foi dividido em encontros com a pretensão de desenvolver nos estudantes suas capacidades de interpretar e relacionar a imagem e texto, além da utilização de materiais e recursos de arte envolvida na produção do gênero literário fanzine durante a aplicação da aula. Tendo como base para as aulas os eixos: ver, fazer e contextualizar de Ana Mae Barbosa que regem os componentes curriculares (ANEXO B) e amparados no conceito de aula expositiva dialogada (VEIGA, 2007).
- b) Para a aproximação com o campo e sujeitos a pesquisa, foi realizada inicialmente uma pesquisa exploratória, ajudando a delimitar o tema da pesquisa. Assim como a consulta ao PPP da escolar, a grade curricular e o diálogo com a professora da turma em exercício.
- c) As entrevistas com os educandos aconteceram antes da aplicação da pesquisa-ação, com objetivo de conhecer os sujeitos da pesquisa para iniciar um relacionamento amistoso e formular uma diagnose para sustentação da pesquisa.
- d) As fotos de cada educandos foram utilizadas como recursos didáticos. Foram realizadas em algumas visitas anteriores, visto que a frequência oscila muito, para que todos os discentes fossem contemplados.

7.2. Materiais Necessários

Para que o trabalho fosse realizado, utilizou-se papel sulfite tamanho A4, cartolinas coloridas, cola, hidrocor, lápis de cor, tesoura, fotografias dos alunos, espelho, CDs para reuso, slides, vídeo, computador, tinta, tecido, pasta. Todos os recursos necessários levados para a sala de aula e distribuídos aos estudantes para realização das atividades. Montou-se um portfólio para cada estudante, com cópias de cada fanzine (para os estudantes, para a professora da turma e para protocolo da pesquisa) e o que foi produzido durante as aulas.

7.3. Culminância

A apresentação e socialização das histórias dos fanzines e exposição dos trabalhos.

8. RELATOS DA EXPERIÊNCIA

8.1 Perfil dos Discentes

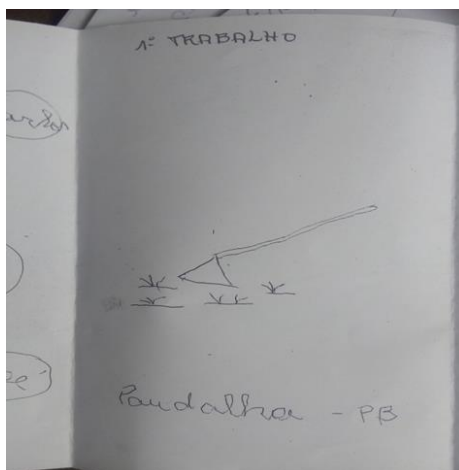
Como vimos nas entrevistas, esses discentes jovens e adultos que retornaram a escola para serem alfabetizados, possuem uma série de conhecimentos pela sua trajetória de vida que já não são suficientes para que se insiram, com independência e autonomia numa sociedade complexa, na qual a tecnologia e globalização estão latentes. Sendo a alfabetização como condição indispensável na sociedade contemporânea, para o exercício da cidadania.

No Módulo I da EJA desta distinta escola, parte dos educandos sequer conheceu a escola quando criança. Não fazia parte do cotidiano deles. As falas desses sujeitos deixaram-nos surpresos, pois, apesar de serem relativamente jovens (apenas uma mulher de 76, um homem e 62 anos), com idades entre 37 e 52 anos (apenas um jovem de 15 anos), eles possuem alguns pontos em comum de suas histórias de vidas.

Assim, a grande maioria teve que trabalhar ainda criancinha e moravam distante da cidade, num percurso de difícil acesso para a escola, em Usinas, Sítio e Engenhos, e até nas ruas, exceto o garoto de 15 anos e o homem de 62 anos naturais do Recife. São pertencentes a uma família numerosa necessitando ajudar no sustento, muitos eram “arrimo de família”, confirmando o que alega Soares (2002) ao citar o Parecer CEB 11/2000 (DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS) sobre a disparidade econômica e social quanto o acesso à educação como demonstram muitos dos relatos.

Neste universo consensual, os pais desses educandos não achavam necessidade à ida para a escola. Os saberes ali encontrados não eram utilizados no cotidiano, “o esforço não valia a pena, não tinham tempo para tal empreendimento”, esboçam nos depoimentos. Cada membro da família era necessário como força de trabalho, era uma questão de sobrevivência. Os progenitores tratavam logo de dissuadir qualquer interesse ou a vontade de estudar. No entanto, segundo relatos, os irmãos mais velhos cuidavam dos mais novos e alguns levavam os caçulas para a escola. Com isso, eles conseguiram que parte de seus irmãos fosse alfabetizada, apesar de os mesmos também não avançarem muito nos estudos, segundo seus discursos.

J, 76 anos: trabalho desde que me entendo por gente. Ah minha filha, isso era o que todo mundo fazia. Eu ficava brigando com minha mãe, chorava, mas ela só fazia me xingar e não permitia ir para a escola.

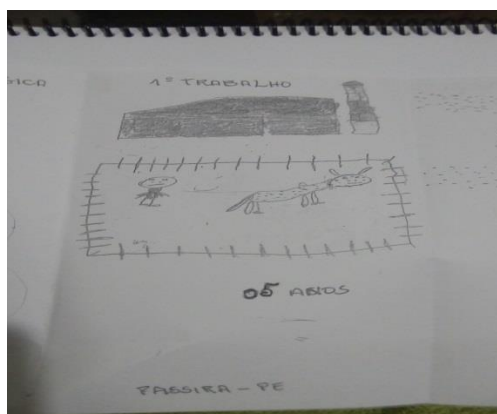


J (76 anos)

O motivo de não ir para a escola na idade certa: trabalhava na plantação de macaxeira, num sítio em Paudalho - PE. A enxada era muito maior que ela, pontua.

Neste contexto, o trabalho infantil é influenciado por causas econômicas e conceitos culturais, de acordo com Convenção nº 182 da OIT (ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO) regulamentada no Brasil pelo Decreto 6.481, de 2008. A legislação brasileira define como trabalho infantil toda atividade laboral desenvolvida por pessoas com idade inferior a 16 anos. A lei prevê que os adolescentes podem exercer atividades laborais ao completarem 14 anos, mas somente na condição de aprendiz. Já o trabalho doméstico é totalmente vedado para quem não completou 18 anos.

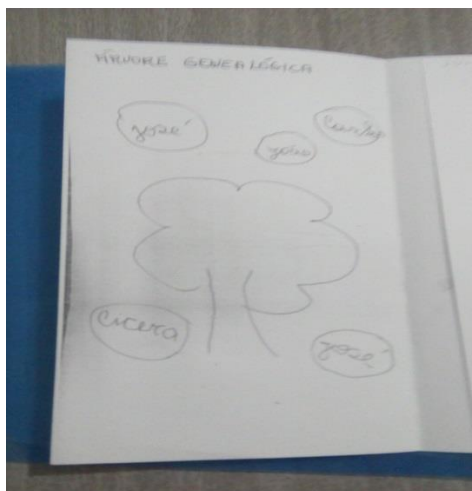
No entanto, esse era um aspecto comum entre eles na infância, assim discorre a maioria da turma. Com exceção de **J** (76 anos) e **E** (62 anos), a turma é relativamente jovem, assim é muito triste escutar um homem de 37 anos dizer que trabalha no pesado desde aproximadamente 05 anos de idade. Ressaltamos que elaborar leis que cuidam de crianças é inevitavelmente necessário, porém, seu benefício deve chegar a todos.



G (37 anos)

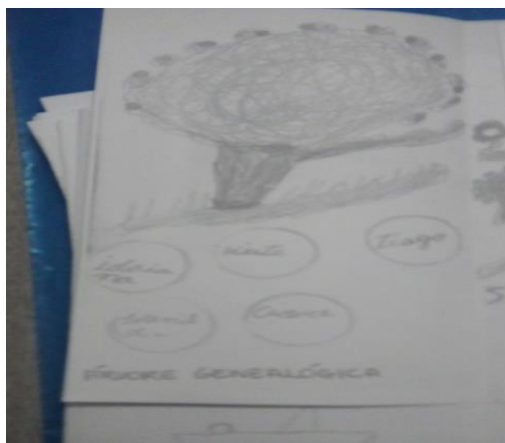
Cuidava dos animais, limpava e dava comida em Passira - PE. Chama a atenção das filhas adolescentes para aproveitarem a oportunidade de estudar, por ele não pôde.

Através das entrevistas constatamos que, mesmo que a maioria sendo pais ou tendo constituído família relativamente cedo, diferente de suas famílias de origem, tiveram poucos filhos, entre duas e três crianças como retratam nas árvores genealógicas. E se esforçam para que permaneçam na escola.



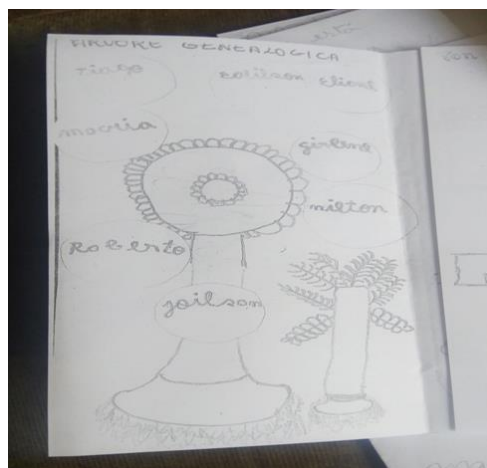
C (50 anos)

Árvore contém cinco pessoas, esposo e três filhos.



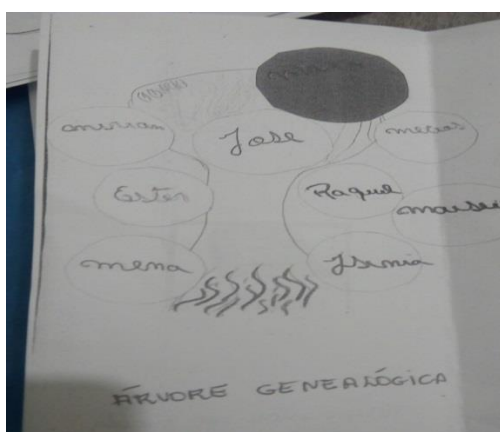
MI (52 anos)

Essa Árvore Genealógica só tem cinco membros, São filhas e esposo.



J (38 anos)

Este educando ainda não constituiu família, esses são seus pais e irmãos. A sua árvore contém oito pessoas.



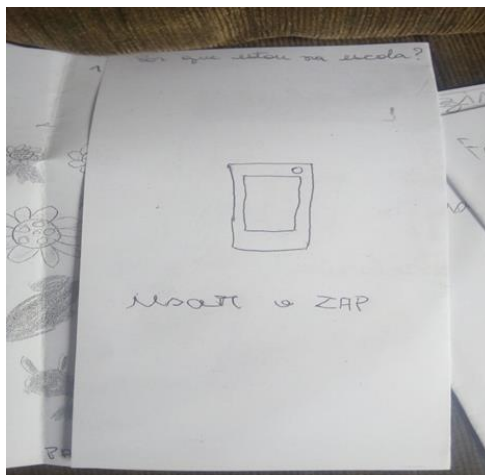
R (46 anos)

Solteira, mora com os irmãos e tem nove nomes na árvore genealógica.

É importante registrar o fato que aqui no Recife a oferta de escolas é bem farta. Assim, o acesso à educação mais abrangente e os filhos contam com o apoio dos pais (discentes).

Ao serem questionados sobre por que resolveram “voltar” (alguns nem chegaram a conhecer a escola) a estudar as respostas se encontraram. De maneira geral, desejam interagir melhor com a sociedade, ter mais autonomia. Ficar mais antenados, como dizem, pelo acesso e uso das tecnologias, ficar mais desenrolado e se qualificar para melhorar de vida.

Parte do Fanzine sobre a volta à escola

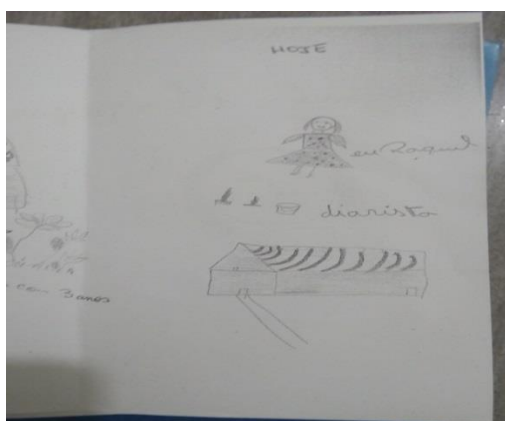


MJ (40 anos)

O motivo para voltar à escola foi por que quer se enturmar, aprender a usar a tecnologia, como usar o caixa eletrônico e o telefone celular, foi incentivada por amigos e familiares a voltar a estudar.

A maioria dos educandos se mantém no mesmo tipo de emprego, onde o esforço físico prevalece. Parte deles continua no mesmo emprego há muitos anos (cerca de vinte anos). Não tiveram a orientação e o apoio de seus “patrões” para usufruir do acesso à educação. Apesar de na contemporaneidade se vislumbrar empresas com função social que incentiva à educação de seus funcionários (bandeira levantada por muitas empresas). Atitude vista como investimento no quadro de mão de obra. No entanto, ainda não é uma realidade cultural e comum.

Parte do Fanzine sobre qual a ocupação de hoje:



R (46 anos)

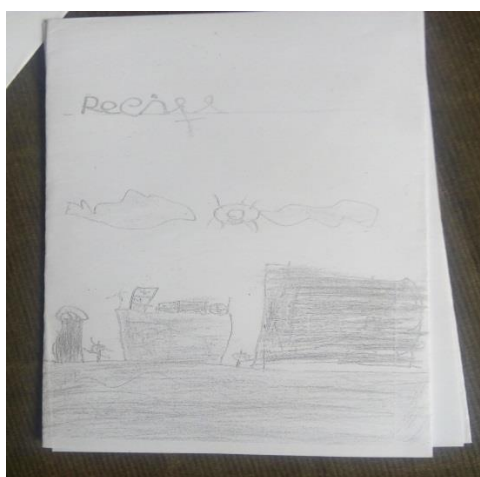
De empregada doméstica para diarista, por causa da carteira assinada, segundo a mesma.

Enfim, hoje esses sujeitos acreditam que para lutar contra o desemprego ou buscar novas oportunidades de trabalho precisam se capacitar, adquirir novas competências. A

situação dos educandos mudou através do apoio e incentivo de amigos e parentes; ou ainda, por que os filhos cresceram e agora esses discentes têm mais tempo livres; tem mais tempo para si mesmo, são alguns dos motivos postos para a volta à escola, são alguns dos argumentos colocados por eles. Em contraponto, permanece o estigma de não evoluírem para outros níveis, por inúmeras razões. Porém, segundo a professora da turma eles mesmos voltam a se matricular na mesma classe.

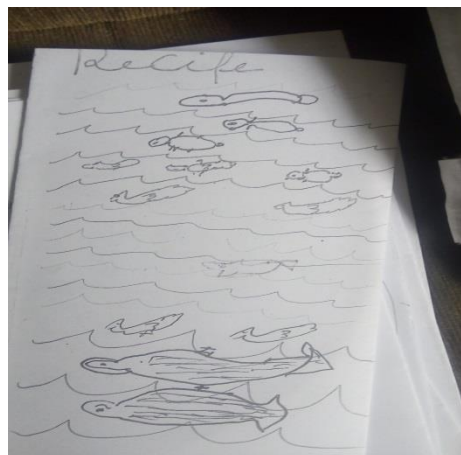
Assim, aconteceu a emigração da cidade de origem desses indivíduos na busca por trabalho ou por melhores condições de vida, primeiras causas desse do êxodo rural, segundo a interpretação dos relatos. A conscientização de que os saberes necessários para o progresso pessoal estão inseridos na educação começa a fazer parte do senso comum. Mas, até que ponto a alfabetização, na medida em que possibilita a inserção no mercado assalariado do trabalho, significa a ida desses sujeitos para centro urbanos?

Indagados sobre o Recife, o que acham atrativo no Recife que não tinham em suas cidades de origem na construção da quinta parte do Fanzine eles apontaram:



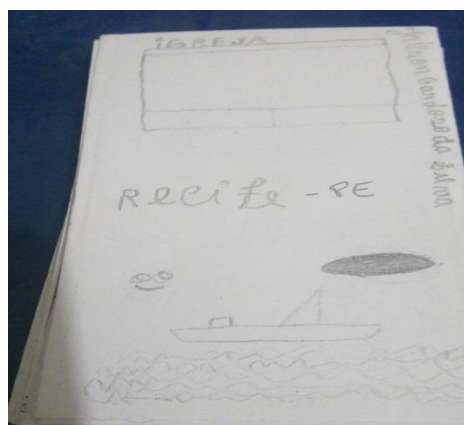
M (15 anos)

Gosta muito dos prédios, acha a cidade bonita e o céu azul lindo.



MI (52 anos)

Mais lindo de tudo é a praia que sonhava conhecer quando criança.



J (38 anos)

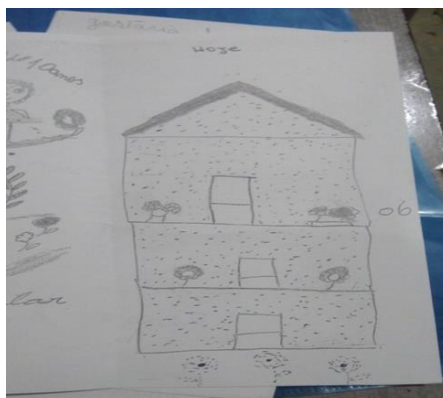
Gosta do mar e de ter encontrado uma Igreja com pessoas maravilhosas que o ajudou muito.

Na verdade salvou a vida dele.

No passado, pouca escolaridade era suficiente para os empregos do mercado de trabalho, hoje, as exigências são maiores. Grosso modo, o grau de escolaridade para um emprego simples, é não menos que ter o segundo grau (ENSINO MÉDIO), o mercado de trabalho tem-se transformado. O que não é privilégio dessa época. Historicamente vivemos a revolução industrial, a era da tecnologia, do advento da internet e do o que chamam de “terceiro setor – serviços”, assim nascem novas profissões e outras ficam para trás.

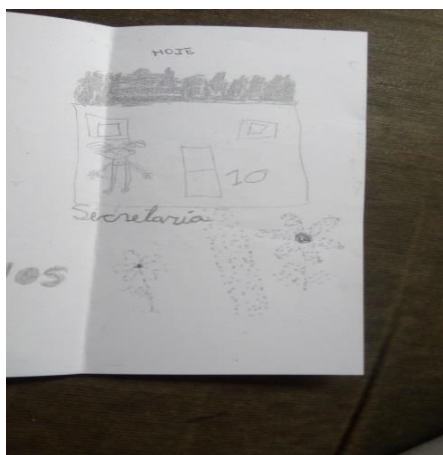
A maioria desses sujeitos se mantém em trabalhos ligados a tarefas domésticas (agora com carteira assinada) ou trabalhos informais: são diaristas, babás, faxineiros, vendedores ambulantes, entre eles, uma empreendedora autônoma trabalha de cozinheira em seu próprio negócio.

Na parte do Fanzine: O que faço hoje, indica que as ocupações desenvolvidas pelos estudantes hoje, em geral, são as mesmas do passado.



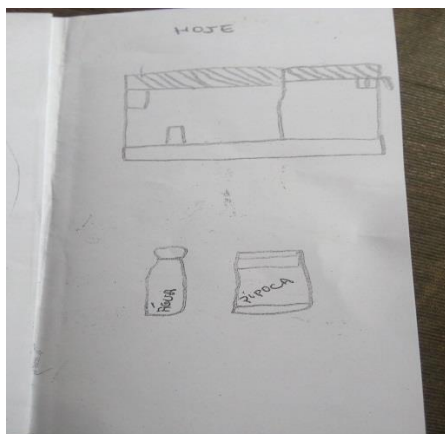
MI (52 anos)

Trabalha há vinte anos trabalha na mesma casa.



MJ (40 anos)

No emprego que ela chama de “secretaria do lar”



J (38anos)

Vendedor ambulante

A escola aparece como probabilidade de mudar de patamar, de alicerce para novos parâmetros na visão desses educandos. Nós, professores temos papel fundamental na realização das metas e sonhos desses educandos. Confiamos que a educação possa fazer a diferença e a disciplina de Arte na perspectiva estética estimula os sujeitos, ânimo para vencer os obstáculos da aprendizagem. O índice de evasão é muito grande nesse módulo I, a frequência varia muito. Eles precisam ser estimulados, esses momentos na escola devem ser mais que a busca por alimentação (eles fazem refeição antes dá aula) e pelo social.



Estudantes bastante concentrados na produção do Fanzine, sete estiveram presentes neste dia.

Os depoimentos abaixo retratam as expectativas desses discentes:

J, 48 anos (do interior da Paraíba): quis estudar pra ver se ajuda a conseguir um emprego (provavelmente, voltou para a Paraíba como disse que faria se não conseguisse emprego logo, pois não tem mais ido à escola).

G, 37 anos, deseja aprender mais coisas, ficar mais desenrolado.

MA. 51 anos, está na escola pra que os filhos e o marido sintam orgulho dela, quer fazer coisas sem precisar de ajuda e aprender cada vez mais, ler a bíblia, fazer carta.

E, 62 anos: quer ler as placas dos ônibus.

O estudante **M**, 15 anos, único jovem da turma. Está lá pra aprender, gosta da escola.

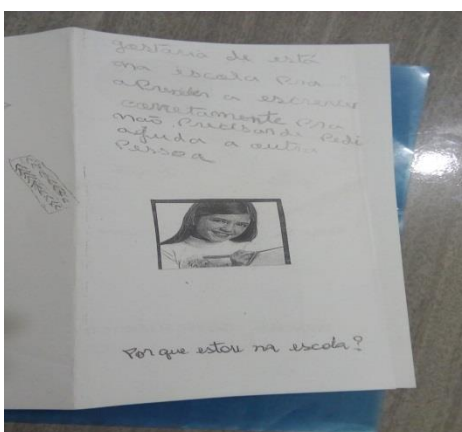
J, 38 anos: natural do Rio Grande do Norte veio para o Recife internado numa casa de recuperação para drogados, agora não pretende voltar para sua cidade, cresceu na rua desde muito cedo. Quer mostrar para as pessoas que o ajudaram que quer continuar mudando.

MC, 42 anos: deseja não precisar de ninguém pra ler o ônibus que vai pegar. Os filhos cresceram, agora tem mais tempo pra estudar quer aprender cada vez mais e não precisar mais se matar de trabalhar.



MI (52 anos)

É bem empenhada, espero que no próximo ano avance para outro módulo.



C (50 anos)

Quer escrever certinho sem se envergonhar.

A aprendizagem e o conhecimento deve ser a espinha dorsal da escola. E a disciplina de arte na visão estética associa o prazer e sentimento, anima os sujeitos a continuarem essa luta. Ao reforçar as ideias de autores como Barbosa (1991) e Carbonell (2012) na crença que as aulas de arte são facilitadoras de aprendizados.

Os dois discentes recifenses têm um perfil diferenciado do resto da turma. **M** (15 anos) tem um diagnóstico de deficiência mental, ingressou nessa classe este ano. Ele pertencia a uma classe regular diurna até fazer 15 anos. **E** (62 anos) não tem um laudo, no entanto, tem um histórico escolar bem confuso, vai e volta da escola já há algum tempo, adotar qualquer sala e aparece fez e quando.

Mas, os dois têm certo conhecimento do sistema alfabético. Apesar da inconstância e deficiências produziram seus Fanzines, e os outros trabalhos com a orientação da

pesquisadora e ajuda dos colegas. M (15) participou da apresentação e socialização do Fanzine, é muito reservado, foi difícil fazer a entrevista com ele, não conseguia sequer entender o seu nome. A professora e todos ficaram surpresos quando se levantou e falou com clareza, foi taxativo. Mas, com ajuda e com o incentivo da turma foi brilhante. Estava muito feliz.



M (15 anos)

Na socialização das histórias de vida do Fanzine

8.2 O que os jovens e adultos pensam sobre arte?

A aula de Arte parece se resumir nestas três atividades de maneira muito simplista. Distante do conteúdo de arte, só como complemento de aula. Quando abordados nas entrevistas sobre o que gostariam que tivesse na aula de arte, disseram que queriam pintar com tinta. Para entender o significado de arte e as suas diversas linguagens, o quanto convivemos com arte e cultura desde que nascemos. O encantamento que provocam em nossas vidas, que está no nosso cotidiano. Parece distante da realidade destas pessoas associar as diversas linguagens de arte à realidade circundante, não tinham se dado conta de que sabiam muito mais do que pensavam.

Neste cenário, a metodologia adotada foi uma pesquisa-ação iniciada numa roda de conversa sobre Arte: onde a encontramos, quais as formas de apresentação etc. com a intenção de que se apropriem dos bens culturais e do conhecimento e significado de arte na tentativa de envolvê-los no debate, de ouvir suas opiniões.

A concepção de que arte é acessível a uns poucos seres iluminados e pertencentes à elite ainda povoa a cabeça dos estudantes, estava intrínseca nas falas deles, não se consideravam capazes de produzi-la. Ressaltamos o que pontua os trabalhos de Carbonell (2010), que arte é técnica, exercício e esforço, pode levar tempo. Por isso, ao avaliar os

trabalhos precisamos considerar a subjetividade do esforço e tentativa como parte dos critérios da avaliação (IAVELBERG E ARSLAN, 2009).

Frequentar, apreciar ou participar de algum equipamento cultural, grupo de apoio desenvolvimento artístico ou manifestação cultural o mais próximo desse grupo, é novela na TV. A maioria nunca foi a teatro, cinema, museu etc, nem visitam pontos turísticos ou participam de grupos de manifestação cultural ou artística. Não tem tempo nem dinheiro para tal empreendimento, essa possibilidade não condiz com a realidade. Vez ou outra viram alguma apresentação pública pessoalmente, de datas comemorativas na cidade como no Natal, São João, Páscoa, Carnaval.

Essas hipóteses já eram ventiladas, assim, se confirma a necessidade e urgência de se trazer para a sala de aula conteúdos da disciplina de arte significativos, conhecimentos específicos para a ampliação de seu repertório e oportunidades de momentos de aprendizagem que estimulem o gosto pela arte. E com o objetivo de levar os estudantes a desenvolverem a sensibilidade, a criatividade, habilidades artísticas e a socialização.

8.3 Práticas pedagógicas: confecção de fanzines como recurso didático no ensino de arte

Para superar o ensino tradicional, na execução do trabalho definimos as técnicas de ensino utilizadas para desenvolver os conteúdos direcionados para a aula expositiva dialogada (VEIGA, 1996).

Ao iniciarmos cada aula foi apresentado para a turma o que se pretendia fazer naquele momento e o que se esperava deles, colocando-se em prática o foi sugerido por Merieu (1998) para que fossem preparadas as posturas mentais exigidas.

A proposta de construção de Fanzines que retratem a vida de cada um deles trouxe certo receio e levantou questionamentos sobre não saber ler nem escrever, sobre o que colocar neste papel. Mas, como fez parte do acordo de trabalho estavam dispostos a participar, se empenharam bastante e incentivaram outros a participarem.

Foi muito comovente ouvir suas histórias de vida e ver os seus olhos brilharem. São histórias de luta e superação, experiências de vida que emocionam. Mas, que resumidamente colocamos nos Fanzines, porém na hora da socialização puderam expandir os enredos, sem se alongar muito. Foram aplaudidos e incentivados.

Logo, ao analisar as entrevistas, percebeu-se existir alguns pontos em comuns de fases da vida: infância perdida, muito trabalho e dificuldades, construção de sua própria família, em

geral, muito cedo. Decidimos focar também no que fazem hoje e no amor pelo Recife. Pontuamos que esses indivíduos como se refere os PCN-Arte (p.138), são cheios de saberes.

Para culminância do projeto foi feita a apresentação dos Fanzines produzidos pelos discentes e socialização das histórias autobiográficas em sala de aula através dos Fanzines. Avaliamos o bom desempenho da turma com relação à participação, todos conseguiram completar o Fanzine, se expressam muito bem na socialização das histórias, se emocionaram e encantaram os seus pares.

Neste cenário, verificamos o quanto estavam orgulhosos dos Fanzines que produziram com suas histórias de vidas e dos artesanatos que fizeram como parte da interiorização dos conteúdos de arte. Foram momentos de interação e agradecimentos. Fizemos uma festa, momento de confraternização, homenagens foram prestadas. Houve catarse, externar sentimentos e opiniões sobre o que foi desenvolvido em sala de aula fez parte da avaliação do resultado da pesquisa-ação.

Para coroar o resultado do nosso trabalho, a professora em exercício tem como objetivo ir além desta etapa, quer levar produto final do trabalho produzido pelos educandos: o Fanzine, para fazer parte da Feira de Literatura da escola, na data programada para este final de ano.

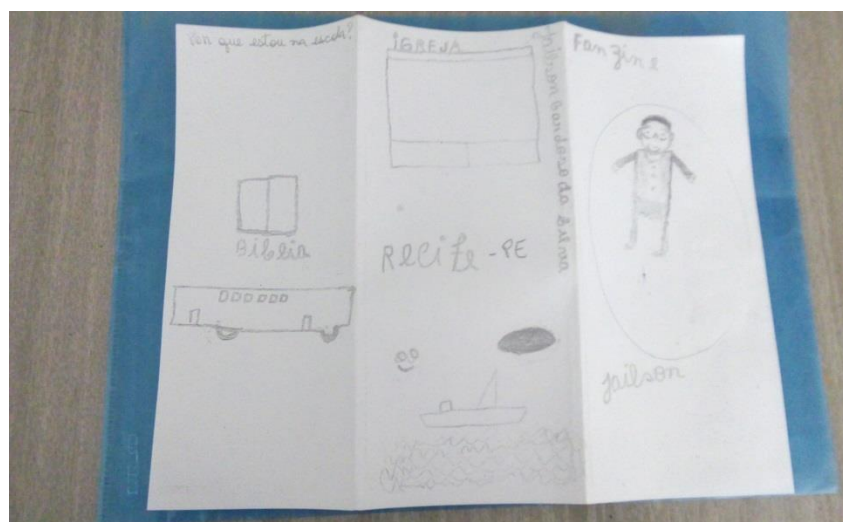
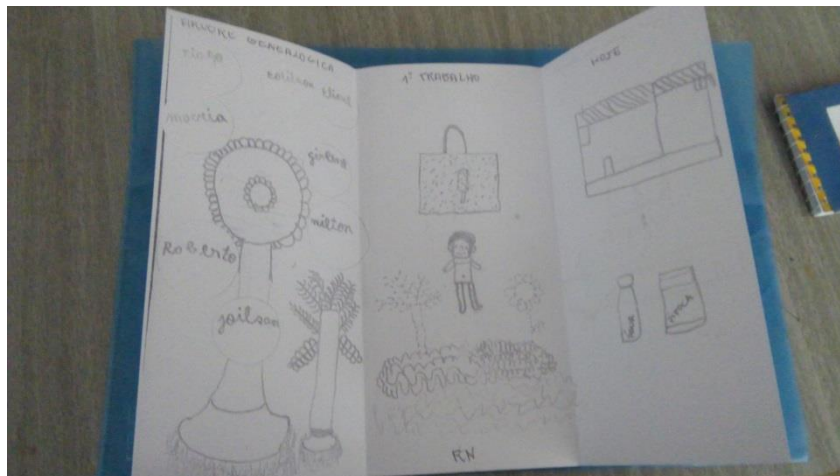
De acordo com a grade curricular (ANEXO B), foi trabalhado o eixo música na contextualização que propõe a regionalização musical e de instrumento vislumbrados na lição através do vídeo da letra e música “Asa Branca” de Luís Gonzaga, comentários e conteúdos da vida e obra dele (LEAL et al, 2010, p.166) . Além disso, foi proposto a produção de um artesanato que representasse a música apreciada. O artista é apresentado por meio de algumas obras e não de sua biografia. Só depois de realizado o exercício visual, construímos a história do artista e de seu tempo. As atividades práticas de produção de trabalho estão sempre ligadas a do processo de aprender a ler, de descobrir outros significados, de relacionar pensamentos. De maneira a provocar uma reflexão sobre a própria vida.

A confecção do Fanzine foi feita gradativamente. Retratando-se em cada aula fases relevantes de suas histórias de vida, resumidamente. O Fanzine foi dividido em seis partes nas quais foram resgatadas etapas importantes da vida dos discentes por eles destacadas em suas entrevistas.

O Fanzine foi organizado da seguinte maneira: a capa com um autorretrato; parte 1 com uma árvore familiar; a parte 2, com o motivo da não frequência à escola na idade certa, na terra de suas origens; parte 3, com a ocupação do tempo deles hoje; parte 4, com o que o mais

gostam no Recife; no campo 5, expor o porquê da volta à escola hoje. Considerando que esses são momentos e motivos relevantes em suas histórias vidas de acordo com o que foi filtrado nas entrevistas.

Primeiro aprendemos a como dobrar o Fanzine. Escolhemos a forma que consideramos mais simples para a reprodução, de boletim.

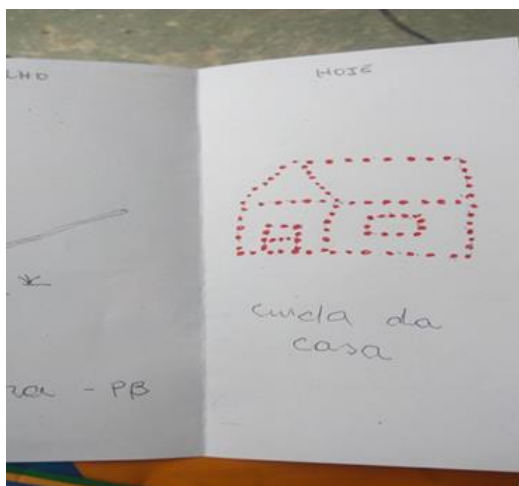


Pegamos uma folha de papel ofício na horizontal e a dobramos para ficarem três partes iguais (existe outra opção para dobrar a folha do Fanzine). E usamos os dois lados da folha. Para facilitar as cópias (proposta do Fanzine), assim temos seis partes para conta as histórias.

Além disso, no eixo artes visuais (ANEXO B), alguns elementos da linguagem visual foram trabalhados nas rodas de conversa e apresentados nos slides para expandir o repertório do grupo sobre a diversidade da arte. Para exemplo do conteúdo sobre linguagens e técnicas de arte na lição sobre o pontilhismo, desenvolvida por Georges Seurat (APÊNDICE C) como indica o plano de aula. Esta técnica foi escolhida por não precisar usar pincéis e ser de certa

forma rápida. Foram apresentados alguns slides sobre as obras desse pintor, debatemos e elaboramos conforme a Abordagem Triangular coloca sobre o tripé: ver, contextualizar e fazer.

Pontilhismo feito no papel no Fanzine na parte sobre o que fazem hoje



Pontilhismo feito no tecido como extensão do conteúdo de arte pontuando a diversidade de técnicas de pintura





Logo, foi produzida pelos discentes na classe, técnica semelhante à de Seraut com tinta guache em um tecido. Visto ser o material dito como preferido de trabalhar em arte pelos discentes, como estratégia para manter o interesse da classe e considerar o que foi manifestado em suas falas.

Em outro momento da intervenção o conteúdo teve como tema retrato e autorretrato, com o desafio de produzirem desenhos que os representassem utilizando-se de suas fotografias (tirada e impressa anteriormente com essa finalidade e para fazer parte do portfólio) para a capa do Fanzine. Os estudantes percebem diferenças entre a linguagem da fotografia e a linguagem da pintura do retrato. Foram apresentados na aula alguns autorretratos de artistas famosos para aproximação do educando com a imagem da arte (ANEXO C).



Capa dos Fanzines de **M** (15 anos) e **E** (62 anos)

Foi pedido que destacassem uma característica física ou de personalidade. Assim, quando **M** falou que não sabia o que, falhei-lhe dos dentes bonitos que tinha. E **E** pintou seu desenho com a cor marrom pra destaca sua pele escura.



Estudantes com sua fotografia fazendo a capa do Fanzine: o autorretrato
Frequência de oito estudantes

A turma gosta de tirar fotografias e utilizá-las na aula instigou a curiosidade e manteve o interesse nas aulas, bem como contribuindo com o aumento da autoestima identificada nos trabalhos de Gomes (2007) como um dos gargalos para o desenvolvimento da aprendizagem.

É oportuno registrar que os educandos solicitaram para não terem dever de casa, não tinham tempo para fazê-los em casa. Tudo aplicado durante o processo deveria ser feito em sala de aula. Organizamos os trabalhos de modo a serem construídos na escola e ficarem guardados para serem entregues num portfólio no final do Projeto.

8.4 Algumas das dificuldades de aprendizagem educativas dos discentes

Na Roda de conversa, depois de explicado o que seria um fanzine e destacando-se o quanto os educandos tinham vivido que dava para escrever um livro. Como confirmado com a professora, a autoestima do grupo é muito baixa, os depoimentos corroboram com os estudos de Gomes (2007), revela o trecho de entrevista:

MA (51 anos) alega que sente muita vergonha de mostrar que não sabe ler. Que não está entendendo o significado das coisas. Muitas vezes nas atividades da família se afasta para não perceberem que não está sabendo do que estão falando.

O exercício de estímulo e valorização do sujeito deve fazer parte do planejamento da aula e a tentativa de ajudá-los a sentirem-se responsável pela. Aprendizagem. Nas crianças, a curiosidade é natural, a prontidão para aprender, faz parte do desenvolvimento humano nesta fase da vida. No adulto, no entanto, a acomodação ou conformismo faz resistência, estabelecendo um bloqueio para a prática como outrora citamos.

No entanto, confirma-se o que consta nos estudos de Carbonell (2012) sobre as barreiras do indivíduo adulto quanto à prática de atividades e maior facilidade de compreensão de

significado. Nas primeiras tentativas de aproximação, era comum escutar as frases: eu não sei, eu não consigo. Despertar e prender o interesse desses sujeitos, fazê-los acreditar que podem, é tarefa difícil, requer persuasão e estratégia.

8.5 Um novo olhar dos discentes sobre o ensino-aprendizagem de Arte

De acordo com os relatos, os educandos ficaram tão animados que convocaram pelo áudio do Whatsapp a turma para estar presente nos próximos encontros das lições. Na primeira aula tinham cinco estudantes, nas aulas seguintes a frequência aumentou. Na realidade, a frequência neste módulo oscila muito, em especial no final do ano baixa consideravelmente, segundo registros da professora.

Quando estava na fase da diagnose da escola e nas entrevistas e familiarização da turma, foi verificada a rotatividade de estudantes, as faltas eram constantes.

É interessante ressaltar a fala para a pesquisadora de **M** (15 anos) de que não iria faltar de novo para não perder a aula, quando lembrados de quando seria nossa próxima aula. A pesquisadora foi bem recebida, calorosamente tanto pela professora, por outros agentes educativos, quanto pelos discentes.

No entanto, a proposta foi recebida com certo receio, à medida que o desconhecido foi se tornando familiar, foi se superando a insegurança provocada pela novidade. Pode-se medir o sucesso de uma aula pela influência sobre os estudantes, eles estavam falantes, participantes, entusiasmados. As reações nos diferentes momentos da lição funcionam como termômetro do sucesso ou do fracasso do proposto. Em algumas falas que registramos no primeiro momento:

I: diz que não sabe desenhar

J: diz que não gosta

MJ: diz que não sabe ler nem escrever como vai poder fazer uma revista

Suas colocações indicam que acham que arte é para criança, não acreditam que têm competência.

A professora em exercício estava muito curiosa, registrou no diário de classe a aula de arte proposta e assinalou que nunca tinha visto ou pensado na aula de arte nessa abordagem. E fez questão de dizer que consultou a grade curricular (ANEXO B) e procurou algo parecido. Disse que o que está proposto neste documento do conteúdo está muito distante da competência e especialização dela, do que ela considera importante ou essencial, que adorou a metodologia, dando todo apoio para o nosso trabalho. Visto que, a professora tem autonomia

com relação aos conteúdos na sala de aula, segundo ela, essa disciplina tem sido pouco explorada por ela. Confessando o pouco interesse nesta disciplina.

Logo, as lições foram planejadas para apoiar o currículo escolar, servir de alicerce para o que será a apresentação da Feira Literária da escola e integrar o Projeto político pedagógico era nossa proposta.

Na avaliação da pesquisa-ação os discentes foram sondados sobre as aulas de arte aplicadas na sala de aula e os conhecimentos adquiridos, consolidado o significado das palavras incluídas no novo vocabulário. Algumas das respostas foram:

I (52 anos): já terminou? Quando a senhora vem de novo, por que eu quero mais. Eu me diverti muito, até aprendi a fazer um Fanzine.

J (76 anos): venha de novo professora, a gente gostou muito. A aula de Arte desse jeito é uma coisa boa, deixa a gente feliz.

MC (42 anos): poxa professora eu aprendi um monte de coisa, até aprendi a pintar sem pincel.

M (15 anos): não vou faltar mais.

J (38 anos): estou muito feliz com as coisas que consegui fazer.

MA, (51 anos): as aulas foram muito boas, a senhora nem precisava dá tanta coisa pra gente (foram oferecidos bolo e refrigerante e uns presentinhos como agradecimento pela participação no dia da culminância do Projeto, além da pasta com a produção dos educandos-portfolio).

G, (37 anos): é verdade, minha vida dava pra fazer um livro (estava falante e expôs sua história e seus trabalhos desenroladamente para quem não queria falar inicialmente).

No momento da contação das histórias autobiográficas foi feita inferências de acordo com a ordem dos eventos dos Fanzines para iniciarem as falas, como incentivo para vencerem a timidez. Foi uma catarse, o fechamento do Projeto, emocionante. Faz parte da aula de arte o encantamento, segundo Carbonell (2010), as palavras de agradecimentos dos estudantes e da professora fizeram parte da alegria do momento.

Como indicação de bom resultado da pesquisa incluímos o comentário da professora substituta que esteve conosco em alguns momentos da pesquisa, em especial, nos momentos das entrevistas e acompanhou a aplicação do nosso Projeto, foi que: a professora da turma tem achado bastante interessante a proposta, teceu bastante elogios.

Outro indício do sucesso de nosso estudo aponta o convite das outras docentes da EJA de que voltemos com mais projetos para as salas delas também. A disposição da Diretora de ir até a sala durante o processo verificar o que estávamos fazendo, ver e escutar explicação dos estudantes. Encontrou uma turma feliz e envolvida nos trabalhos, assim como a professora da turma satisfeita. Assim, sinalizou que as portas abertas para novos trabalhos. Essa posição indica os bons resultados do nosso estudo como avaliação.



Visita da diretora (em pé, de roupa azul) a nossa aula, fez questão de escutar dos alunos sobre a aula. Frequência de sete educandos.

Assim, entendemos que as aulas de arte podem ser espaços oportunos para que jovens e adultos trabalhem “a desinibição, a baixa autoestima, a consciência corporal e o cultivo da socialidade” (BRASIL, 2000, p. 61).

9. CONSIDERAÇÕES

Considerando que a escola é um espaço fundamental para o processo de transformação social (AGUIAR, 2008). A partir desse pressuposto elaboramos as aulas inserindo as vivências de cada discente e seu senso comum. São indivíduos pertencentes à determinada camada social e em fase inicial de escolarização, mas, possuidores de saberes.

A Arte, enquanto linguagem, interpretação e representação do mundo, faz parte deste universo da educação. Enquanto forma privilegiada dos processos de representação humana, é instrumento essencial para o desenvolvimento da consciência, pois propicia ao homem contato consigo mesmo e com o conhecimento de mundo. Por isso, a Arte é uma forma de o homem entender o contexto ao seu redor e relacionar-se com ele. O conhecimento do meio é básico para a sobrevivência, e representá-lo faz parte do próprio processo pelo qual o ser humano amplia seu saber.

Neste sentido, longe de entender que o conhecimento sobre nosso objeto de estudo possa estar concluído, consideramos alcançar algumas compreensões significativas para a nossa pesquisa. Numa proposta emancipadora capaz de modificar a realidade dos sujeitos de nossa pesquisa, para o exercício da cidadania e ampliação cultural. Logo, o entusiasmo dos estudantes e da professora da turma foi sentido pelos outros agentes educacionais. Essa mobilização trouxe a diretora para conhecer a nossa proposta de pesquisa e provocou o interesse das outras professoras que se convidaram para fazer parte da próxima pesquisa.

Nesse processo, o Fanzine “incorporado como recurso pedagógico em sala de aula apresentou uma série de benefícios”, argumenta Donisete Pinto (2013, p. 49), trás autoralidade, sua produção aumenta a autoestima do estudante, além da leitura, escrita e criatividade são estimulados.

Então, está experiência com a utilização do Fanzine em sala de aula favoreceu a melhoria da autoestima do discente, contribuiu com sua aproximação com a arte, produção escrita e leitura, dando margens a interdisciplinaridade e abrangência do Fanzine e da Abordagem Triangular.

É evidente que não se adquire conhecimentos apenas com os professores. Pois, segundo a teoria de Vygotsky as relações colaborativas entre estudantes, a interação face a face tem uma função central no processo de internalização do conhecimento. Os discentes ajudaram uns aos outros para que todos pudessem chegar ao produto final do projeto didático, apesar das atividades propostas não serem conjuntas. O espírito de colaboração foi empolgante, houve muito comprometimento da turma nas lições.

A intencionalidade educativa da nossa pesquisa demonstrou que algumas possibilidades de ensino de arte podem provocar elos no processo de aprendizagem (OLIVEIRA, 2010). A interdisciplinaridade aconteceu cada vez que os estudantes tentavam escrever uma palavra, um texto, ao tentar expressar parte de sua história, toda vez que se discutia ou descrevia o local da narrativa histórica. A cada palavra nova apresentada e significado trabalhado no Fanzine, entre elas Pontilhismo, Protagonista, ampliava-se o vocabulário dos discentes.

Em cada etapa do projeto a avaliação se fez presente. Durante todo processo mediante o acompanhamento da participação e da produção artística dos estudantes, era solicitada a ajuda dos estudantes para os que estavam atrasados na construção dos fanzines. Como resultado, todos confeccionaram as revistinhas. Segundo a professora, todo grupo que estive presente ou quem em algum momento participou do nosso projeto didático: “a gente faz a história”, conseguiu concluir. Garantimos uma cópia como apêndice do nosso estudo, uma para a professora da turma e cópias para os educandos.

O conteúdo das cinco etapas do nosso Projeto foi cumulativo, isto é, não pertencem exclusivamente a uma das etapas. Portanto, depois de trabalhados, eles sempre são retomados em cada oportunidade que venha a surgir, de tal forma que se integrem num conjunto único. Outra questão importante a ressaltar é que todo o trabalho desenvolvido nesta proposta abarca o estímulo da percepção visual, da reflexão sobre o fazer artístico, mas também sobre valorização da identidade e dos conhecimentos prévios. Embora seja comum o discurso de que a Educação básica tem o papel de formar sujeitos críticos em diferentes momentos históricos, no entanto, precisamos exercitar a fala do estudante desse seguimento que, em geral, é muito tímido.

A professora da turma que acompanhou todo o desenvolvimento do projeto percebeu que a abordagem triangular permite múltiplas aplicações e a interdisciplinaridade acontece intencionalmente. A docente ao sugerir o tema (Luiz Gonzaga), planejamos de maneira a trabalhar uma música nas dimensões: ver, fazer e contextualizar. A elaboração de cada passo do processo (APÊNDICE B) foi construída a partir dessa ideia (BARBOSA, 2010).

A prática pedagógica funcionou bem, à medida que foi utilizada metodologias adequadas ao desenvolvimento dos estudantes. A utilização da pedagogia de projetos promoveu a participação e envolvimento dos educandos. E instigou o interesse da professora da turma e de toda Instituição. Esse estudo fez diferença não só para a sala de aula em questão como influenciou outras professoras através do compartilhamento da experiência feita pela

professora da turma e que será demonstrado para além da sala de aula na participação da Feira Literária da escola.

Um interessante fato verificado relativo aos sujeitos da pesquisa ao consultar a professora sobre o índice de evasão escolar, repetência e desistência na turma, foi que alguns discentes permanecem na mesma sala por motivo de afinidade com a professora. Não se incomodam de não avançarem para o módulo seguinte, preferem não mudar de professora.

Ao indagamos sobre a matrícula na escola os alunos responderam:

MI (52 anos) comentou: não era a primeira vez que se matriculara numa escola depois de grande, mais tinha desistido.

Esta fala foi comum entre eles, para alguns, essa não seria a primeira tentativa de se alfabetizarem. Este estudo pode ser um instrumento de alerta para o que ainda acontece em nossa sociedade, aonde o analfabetismo ainda tem suas raízes em fatores econômico e cultural.

No que diz respeito a mantê-los na escola ou ajudá-los a avançarem de níveis, esse estudo aponta uma situação de falta de interesse dos estudantes e certo descaso dos agentes escolares para a progressão para outros módulos ou níveis. A atual situação na qual esbarramos nesta escola nos traz questionamentos maiores: o trabalho infantil, a evasão escolar, o analfabetismo, a ausência do acesso aos bens públicos para um grupo que continua a margem da sociedade. Onde a situação de desconforto continua se não acontecer uma sintonia entre o cotidiano e a escola. Este estudo indica uma dependência afetiva que o estudante estabelece com a professora, aspecto citado por Gomes (2007, p.3). A insegurança os leva a não cogitarem ir para outro módulo.

Logo, podemos vislumbrar a grande importância que o ensino da Arte pode ter na educação desse grupo. De provocar, instigar, expressar, comunicar, visando ações dentro da dimensão social (AGUIAR, 2008). Precisamos conquistar um espaço para a Arte dentro da escola, espaço que ficou perdido no tempo e que, se recuperado, poderá mostrar-se tão significativo como qualquer outra matéria do currículo.

10.REFERÊNCIAS

AGUIAR, Wisley Francisco. **Adorno e a dimensão social da arte**. Revista Urutágua—revista acadêmica multidisciplinar – Nº15 – abr./mai./jun./jul. 2008 – Quadrimestral – Maringá – Paraná – Brasil – ISSN 1519-6178.

ARSLAN, Luciana mourão; IAVELBERG, Rosa. **Ensino de Arte**. São Paulo : Cengage Learning, 2009. (Coleção ideias em ação)

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. Editora perspectiva, 1991.

_____. **Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais**. 2.ed. – São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte** – 2ª ed.; São Paulo, Cortez, 2003.

_____. CUNHA, Fernanda Pereira. (Orgs.) **A Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais**. 1ªed. – São Paulo : Cortez, 2010.

BEHRENS, M. A. **O Paradgma emergente e a prática pedagógica**. 3ª ed. – Curitiba : Ed.Universitária. Chamsagnat, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Reflexão sobre como fazer trabalho de campo**. Sociedade e Cultura, v.10, n.1, jan./jun. 2007, p.11-27.

BRASIL, Secretaria de Ensino Fundamental. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394. Brasília. MEC/SEF, 1996.

BRASIL, Secretaria da Educação Fundamental, (1998). **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília: MEC/SEF.

BRASIL, Conselho Nacional da Educação/Câmara da Educação Básica. **Parecer CNE/CEB nº 11/2000** - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental **:proposta curricular – 1º segmento/coodenação e Texto Final (de) Vera Maria Massagão Ribeiro**. – São Paulo : Ação Educativa, Brasília : MEC, 2001.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais -Arte na Educação de Jovens e Adultos** – 1998 (volume 13, p.135-189).

BUSANELLO, William de Lima. **Fanzine como obra de arte: da subversão ao caos**. Paraíba : Marca de Fantasia, 2015. – (Série Quiosque, 40).

CARBONELL. Sonia, **Educação estética na EJA: a beleza de ensinar e aprender com jovens e adultos**. 1ª.ed. – São Paulo : Cortez, 2012.

DUARTE JUNIOR. João Francisco. **A Montanha e o Videogame** : escritos sobre a Educação. Campinas. SP : Papirus, 2010. – (Coleção Ágere).

Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005.

FONSECA. Maria da Conceição F.R. **Educação Matemática de Jovens e Adultos: especificações, desafios e contribuições**. – Belo Horizonte : Autêntica, 2002.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato do ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4)

GOMES, M. J. Cap.: As especificidades da educação de Jovens e Adultos. **Profissionais fazendo matemática**. Recife, 2007, Dissertação (Mestrado em Educação), UFPE.

HADDAD, Sérgio. DI PIERRO, Maria Clara. **Escolarização de Jovens e Adultos**. Revista Pesquisa em Educação. São Paulo, Brasil. P.108-130. Brasileira de Educação, mai-ago, número 014. Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação. São Paulo, Brasil pp. 108-130.

HERNÁNDEZ, F. **Cultura visual, mudança educativa e processo de trabalho**. Porto Alegre : Arned, 2000.

JAPIASSU. Ricardo Ottoni Vaz. **Metodologia do ensino do teatro**. Campinas, SP : Papirus, 2001. (Coleção Ágere).

LEAL, Telma Ferraz. ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. MORAIS, Artur Gomes de. **Alfabetizar letrando na EJA: fundamentos teóricos e propostas didáticas**. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2010. – (Coleção Estudos em EJA).

MAHONEY. A. A., ALMEIDA, L. R. de (Orgs.). **Henry Wallon: psicologia e educação.** Loyola. 4ª ed. : São Paulo, 2004.

MEIRIEU, P. **Aprender sim, ...mas como?** Porto Alegre: Artmed, 1998.

NOGUEIRA, Nildo Ribeiro. **Interdisciplinaridade Aplicada.** 2ªedição; Ed Érica - São Paulo;1998.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Jovens e Adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem.** Trabalho encomendado pelo GT “Educação de pessoas jovens e adultas” e apresentação na 22ª Reunião Anual de ANPED – 26 a 30 de setembro de 1999, Caxambú.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico.** São Paulo: Scipione, 2010.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração.** Catalão : UFG, 2011.

PINTO, Maria da Graça L. Castro. **Da aprendizagem ao longo da vida ou do exemplo de uma relação ternária: agora, antes e depois.** Porto, 2008. Concepção Gráfica: Maria Adão. ISBN: 978-972-8932-34-3.

PINTO, Renato Donisete. **Fanzine na Educação: algumas experiências em sala de aula.** João Pessoa: Marca de Fantasia, 2013. (Série Quiosque, 29).

PIMENTA, Selma G e FRANCO, Maria A. Santoro. **Pesquisa em educação. Possibilidades investigativas/formativas da pesquisa-ação.** São Paulo: Edições Loyola, 2008.

Revista Imaginação. Debates em Educação. **Reinvenção do educador, visualidade e fanzinem:** Autoformação, Rigor e Critatividade na Perspectiva do Inacabamento Freireano - ISSN 2175-6600 Maceió, Vol. 2, n. 3 Jan./Jun. 2010. Elydio dos Santos Neto (UNESP) – elydio.santos@metodista.br

SÁ, Celso Pereira de. Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: Spink, Mary Jane et al. **O Conhecimento no Cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social.** – São Paulo : Brasiliense, 1995. 1ª ed. Cap.1. 19-43.

SANTOS, Marli dos Santos (org). **O lúdico na formação de educador.** Petrópolis, Rio de Janeiro, 2007.

SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia.** São Paulo: Cortez/ Autores Associados, 1986.

SOARES, Leôncio José Gomes. **Educação de jovens e adultos**. Rio de Janeiro : DP&A, 2002.

VASCONCELOS, Maria da Costa Manso. **Quando a Psicoterapia Trava** – Página 69, Grupo Editorial Summus, 2007, ISBN 8571830312, 9788571830318 – 216 páginas.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Técnicas de ensino: por que não?** 4ª edição – Campinas, SP : Papirus, 1996 – Coleção Magistério: formação e trabalho pedagógico.

<https://brasilemsintese.ibge.gov.br/educacao/taxa-de-analfabetismo-das-pessoas-de-15-anos-ou-mais.html>. Acesso em 21/10/17 às 20:20.

<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em 21/10/17 às 20:59.

<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/04/26/Quais-s%C3%A3o-as-bibliotecas-que-querem-preservar-fanzines>. Acesso em 30/10/17 às 12:10.

11. APÊNDICE

1 A – Roteiro de entrevista pessoal com os discentes:

1. *Qual seu nome?*
2. *Qual sua idade?*
3. *De onde vieram?*
4. *Já estiveram numa escola antes?*
5. *Por que deixaram de estudar?*
6. *Por que resolveram voltar para a escola agora?*

2 B – Roteiro de Roda de Conversa com Discentes de Jovens e Adultos - narrativas informais coletivas:

1. *O que entendem por Arte e Cultura?*
2. *Que tipos de Arte aprenderam na escola?*
3. *Do que mais gostam nas aulas de arte?*
4. *Do que menos gostam nas aulas de Arte?*
5. *Quais os eventos culturais e Artísticos participam?*
6. *Quais os tipos de Arte que gostam mais?*

3 C – Projeto Didático - 05 sequências didáticas



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
MÍRIAM ALVES BASTOS DA SILVA

3.1 PROJETO DIDÁTICO

Dados preliminares:

Título: “A GENTE FAZ A HISTÓRIA”

Disciplina: Arte

Tempo estimado: 05 aulas

Materiais utilizados: vídeo da música “Asa Branca” de Luiz Gonzaga, papel A4, lápis grafite, lápis de cor, hidrocor, régua, cola, papel color set, pincel, tinta, tesoura, perfurador, grampeador, CD para reuso, gliter, tecido, slides, fotografias, cartolina, espelho, computador, pasta para portfólio etc.

Objetivo geral: oportunizar momentos de aprendizagem com atividades artísticas prazerosas através da confecção de Fanzines e ampliação do significado de arte para os Jovens e adultos.

Objetivos específicos:

- a) Produzir fanzines autobiográficos;
- b) Resgatar a autoestima dos educandos
- c) Estimular o gosto pela aula de arte
- d) Confeccionar artesanatos como atividades complementares
- e) Socializar as histórias de vida dos discentes

- f) Expor os Fanzines produzidos pelos discentes
- g) Fomentar um debate sobre arte
- h) Interpretar a música apresentada
- i) Conhecer a vida e obras de Luiz Gonzaga
- j) Estimular o sentimento de identidade e pertencimento dos jovens e adultos.
- k) Oportunizar momentos de aprendizagem com atividades artísticas prazerosas

Sequência Didática

- a) Introdução: propor o contrato de trabalho, apresentação do nosso Projeto: “**A gente faz a história**” com a construção do Fanzine autobiográfico, utilização de rodas de conversas e metodologias diversas.
- b) Desenvolvimento: 05 aulas
- c) Produto final: Fanzines autobiográficos
- d) Atividades complementares: pintura de um coração no tecido com a técnica de pontilhismo, artesanato com CD (reuso) com a imagem de uma Pomba, portfólios (pastas) contendo os trabalhos produzidos pelos educandos.
- e) Culminância: apresentação dos Fanzines e socialização das histórias, exposição dos artesanatos, cantar a música “Asa Branca”.



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
MÍRIAM ALVES BASTOS DA SILVA

3.1.1 PLANO DE AULA - 1

Dados Preliminares:

Título: O Rei do Baião

Tema: Luiz Gonzaga

Disciplina: arte

Duração: 2h

Materiais utilizados: computador, slides, lápis grafite, música “Asa Branca”, CD usado, cola, gliter, cartolina, tesoura.

Objetivo geral: oportunizar momentos de aprendizagem com atividades artísticas prazerosas através da confecção de Fanzines e ampliação do significado de arte para os Jovens e adultos.

Objetivos específicos:

- a) Fomentar um debate sobre arte
- b) Interpretar a música apresentada
- c) Conhecer a vida e obras de Luiz Gonzaga
- d) Produzir um artesanato com CD usado (reuso)
- e) Resgatar a autoestima dos educandos
- f) Estimular o sentimento de identidade dos jovens e adultos.
- g) Oportunizar momentos de aprendizagem com atividades artísticas prazerosas

Conteúdos:

- a) Informações: Arte, conhecer algumas obras e vida de Luiz Gonzaga.
- b) Conceitos: linguagens e diversidade de expressão artística, estilo de músicas, instrumentos musicais, identidade do nordestino, autoestima.
- c) Fazeres: cantar, fazer a leitura e contextualização da música “Asa Branca” e cantar, participar da atividade de perguntas e repostas, desafiar os educandos para a construção do Fanzine.

Procedimentos:

- a) Preparação:
 - Apresentação (slides) da música “Asa Branca” de Luiz Gonzaga
- b) Tratamento:
 - Cantar a música “Asa Branca” - juntos
 - Roda de conversa sobre o que é arte e as diversas linguagens e formas de expressão artísticas. Discutir sobre a forma escolhida por Luiz Gonzaga para executar o seu trabalho.
- c) Consolidação:
 - Contextualização do momento artístico, descrever os aspectos das imagens, fazer observações, reflexão, leitura e interpretação da letra da música “Asa Branca” após escutar e ver os slides. Fazer inferências como: vocês já conheciam essa música? Por que essa música tem esse título? O que é Asa Branca? Do que fala a música? Como é o lugar de que fala? Etc.
 - Atividade complementar: confecção do artesanato para reforçar e interpretar o título da música: recortar o molde de uma pomba e colar num CD usado e enfeitar com cola e glitter.
- d) Aplicação:
 - Atividade “Descobrimos os conhecimentos prévios” (sobre aspectos da vida de Luiz Gonzaga). – Com uma saquinho de feijão jogar para algum discente e perguntar alguma coisa sobre o cantor, se ele conseguir responder corretamente, presentear com um bombom (trocar de pergunta até acertar até que todos participem. Ex.: a: Ele nasceu em ..., como se escreve? Como ele se vestia? Que instrumento tocava? Quais os estilos de música que cantava? Como é o baião? Por que ele chamado o Rei do Baião? Do que sempre falavam suas músicas? etc.

e) Avaliação:

- Participação na roda de conversa
- Produção do artesanato
- Participação na atividade “descobrimo os conhecimentos prévios” sobre Luiz Gonzaga



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
MÍRIAM ALVES BASTOS DA SILVA

3.1.2 PLANO DE AULA – 2

Dados Preliminares:

Título: A Árvore Genealógica

Tema: Família

Disciplina: arte

Duração: 2h

Materiais utilizados: computador, slides, lápis grafite, música “Asa Branca”, cartolina colorida, cola, tesoura, mais outros materiais selecionados para o jogo da memória.

Objetivo geral: oportunizar momentos de aprendizagem com atividades artísticas prazerosas através da confecção de Fanzines e ampliação do significado de arte para os Jovens e adultos.

Objetivos específicos:

- a) Recapitulação da concepção de arte
- b) Selecionar quais os aspectos mais importantes de suas histórias de vida deve conter no Fanzine
- c) Favorecer o sentimento de identidade e pertencimento dos Jovens e adultos
- d) Início da elaboração do Fanzine: árvore genealógica e o que gosto no Recife

Conteúdos:

- a) Informações: Fanzine, árvore genealógica, Recife.
- b) Conceitos: linguagens e diversidade de expressão artística, gêneros literários, genealogia, concepção de família, urbano.
- d) Fazeres: jogo da memória com material de arte, aprender a dobrar o papel para construção do Fanzine, confecção da primeira parte do Fanzine com desenho da árvore e colagem dos nomes, e da parte pensando no que mais gosta do Recife.

Procedimentos:

- a) Preparação:
 - Debate sobre arte, o que gostaria de fazer nas aulas de arte e questões elaboradas no roteiro informal coletivo (*Apêndice B*).
 - Jogo da memória com materiais mais comuns utilizados para aulas de arte.
- c) Tratamento:
 - Apresentação do nosso Projeto “A gente faz a história”
 - Demonstração de alguns modelos de Fanzines (*Anexo A*)
 - Explicação do que é um Fanzine.
- d) Consolidação:
 - Aprender a dobrar o papel para o Fanzine.
 - Divisão das partes das histórias de vida dos discentes para construir do Fanzine.
 - Escolha do material e das informações para compor dos Fanzines.
- e) Aplicação:
 - Explicação do que são genealogia e concepção de família
 - Construção da parte do Fanzine: representação da árvore genealógica com desenho e colagem dos nomes de familiares exercitando a escrita
 - Construção da parte do Fanzine: desenhar o que mais gosta no Recife
 - Ouvir e cantar a música “Asa Branca”
- f) Avaliação:
 - Participação na roda de conversa
 - Preparação do papel para início da confecção do Fanzine
 - Iniciar a construção do Fanzine.



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
MÍRIAM ALVES BASTOS DA SILVA

3.1.3 PLANO DE AULA -3

Dados Preliminares:

Título: Aprender com um mestre da pintura

Tema: O Pontilhismo de Georges Seurat

Disciplina: arte

Duração: 2h

Materiais utilizados: computador, slides, tinta, lápis grafite, tecido, música “Asa Branca”

Objetivo geral: oportunizar momentos de aprendizagem com atividades artísticas prazerosas e ampliar o significado de arte dos educandos através da confecção de Fanzines.

Objetivos específicos:

- a) Contribuir para a ampliação do significado de arte dos jovens e adultos.
- b) Conhecer a técnica de pintura e o inventor do pontilhismo
- c) Pintar um tecido com a técnica do pontilhismo
- d) Construção das partes do Fanzine :o motivo de não ir à escola no tempo certo e o que faço hoje

Conteúdos:

- a) Informações: conhecer algumas obras e autor Georges Seurat do pontilhismo, lei sobre trabalho infantil.
- b) Conceitos: linguagens e diversidade de expressão artística, técnica pontilhismo, trabalho infantil.
- c) Fazeres: leitura e contextualização da obra de Seurat, pintar um tecido, complementar a segunda e terceira parte do Fanzine.

Procedimentos:

- a) Preparação:
 - Roda de conversa sobre a diversidade das expressões artísticas, das técnicas. Vamos aprender a pintar sem pincel, o Pontilhismo, para utilizar na construção do Fanzine. Continuar a história de suas vidas, desenhando e /ou escrevendo retratar o motivo de não ter estudado na idade certa. E o que fazem hoje.
- b) Tratamento:
 - Apresentação slides sobre obras de Georges Seurat.
- c) Consolidação:
 - Contextualização do momento artístico, descrever os aspectos das imagens, fazer observações, reflexão, leitura e interpretação das pinturas.
 - Compartilhar opiniões e sentimentos com respeito das obras apresentadas.
- d) Aplicação:
 - Produção da parte do Fanzine que retrata: o motivo de não estar na escola na idade certa e o que fazem hoje (exercitando a técnica de pontilhismo).
 - Execução da pintura no tecido com a técnica do pontilhismo
- e) Avaliação:
 - Participação na roda de conversa
 - Produção da pintura no tecido
 - Construção da segunda e terceira parte do Fanzine



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
MÍRIAM ALVES BASTOS DA SILVA

3.1.4 PLANO DE AULA – 4

Dados Preliminares:

Título: Retratos e Autorretratos

Tema: identidade

Disciplina: arte

Duração: 2h

Materiais utilizados: fotografias dos estudantes, espelhos, computador, slides de artistas famosos e seus autorretratos, lápis grafite, hidrocor, lápis de cor, e os Fanzines.

Objetivo geral: oportunizar momentos de aprendizagem com atividades artísticas prazerosas e ampliar o significado de arte dos educandos através da confecção de Fanzines.

Objetivos específicos:

- a) Conhecer autorretratos de alguns artistas famosos.
- b) Apresentação de cada fotografia dos jovens e adultos para observação.
- c) Discutir sobre a própria identidade.
- d) Produzir um autorretrato para a capa do Fanzine.

Conteúdos:

- a) Informações: autorretratos de artistas famosos, invenção da fotografia.

- b) Conceitos: retrato e autorretrato.
- c) Fazeres: leitura e contextualização do autorretrato de alguns artistas famosos, construção do autorretrato na capa do Fanzine autobiográfico.

Procedimentos:

- a) Preparação:
 - Roda de conversa sobre o nosso Projeto “A gente faz a história”, como se sentem, o que estão achando do que fizemos até agora e propor as atividades planejadas para hoje.
- b) Tratamento:
 - Apresentação de slides com autorretratos de artistas famosos.
 - Percepções e observações das obras.
- c) Consolidação:
 - Introdução do que é um autorretrato e da invenção da fotografia
 - Observação da fotografia pessoal e/ou uso de espelhos para perceber o que se deseja ressaltar no autorretrato, quais detalhes destacar no desenho, um aspecto físico ou de personalidade.
- d) Aplicação:
 - Produção do autorretrato na capa.
 - Revisão do Fanzine, acertos e complementos.
 - Ouvir a música “Asa Branca”.
- e) Avaliação:
 - Participação na roda de conversa
 - Produção do autorretrato



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
MÍRIAM ALVES BASTOS DA SILVA

3.1.5 PLANO DE AULA - 5

Dados Preliminares:

Título: Os Fanzines

Tema: A culminância do projeto

Disciplina: arte

Duração: 2h

Materiais utilizados: computador, slides montagem de fotos tiradas durante o processo, os trabalhos produzidos pelos estudantes, pastas para portfólios com as fotos pessoais e para guardar os trabalhos.

Objetivo geral: oportunizar momentos de aprendizagem com atividades artísticas prazerosas, exposição e socialização dos Fanzines.

Objetivos específicos:

- a) Produção e expressão da parte do Fanzine: por que estou na escola?
- b) Exposição dos Fanzines
- c) Socialização das histórias
- d) Agradecimentos e homenagens

Conteúdos:

- a) Informações: resumo dos conteúdos.

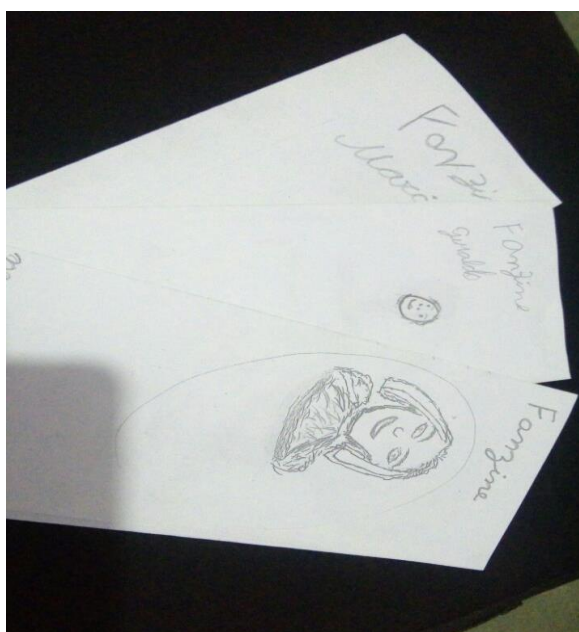
- b) Conceitos: novos olhares para a disciplina pelos discentes
- c) Fazer: responder a pergunta sobre os motivos da matrícula na escola, apresentação e socialização dos Fanzines pelos discentes, identificação dos novos olhares sobre a disciplina.

Procedimentos:

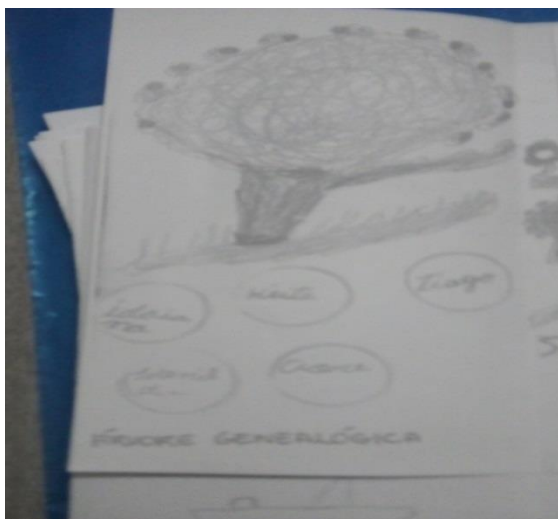
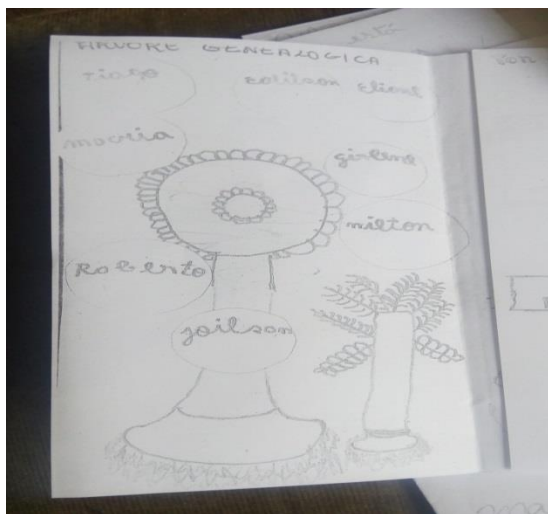
- a) Preparação:
 - Explicação sobre a conclusão do nosso Projeto “A gente faz a história”
- b) Tratamento:
 - Roda de conversa sobre os trabalhos realizados em sala de aula - Identificação dos novos olhares dos discentes para a disciplina
- c) Consolidação:
 - Discussões sobre os motivos da matrícula na escola.
 - Construção da parte do Fanzine: por que estou na escola? Desenho, colagem e/ou texto
- d) Aplicação:
 - Apresentação de uma montagem dos slides com as fotos da turma durante o projeto.
 - Inferências para apresentação individuais dos Fanzines e socialização das histórias pelos discentes na frente da sala.
- e) Avaliação:
 - Participação na roda de conversa
 - Conclusão do Fanzine.
 - Apresentação dos Fanzines
 - Socialização das histórias de vida dos estudantes

4 D- Fanzines construídos pelos educandos

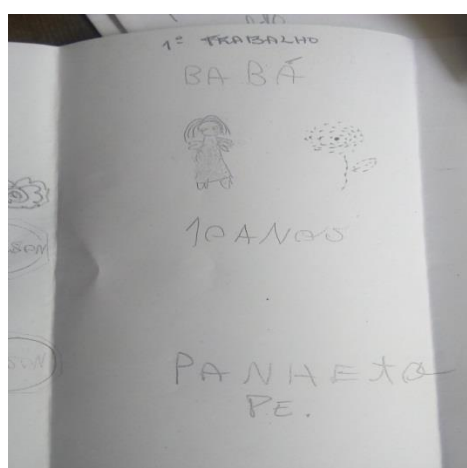
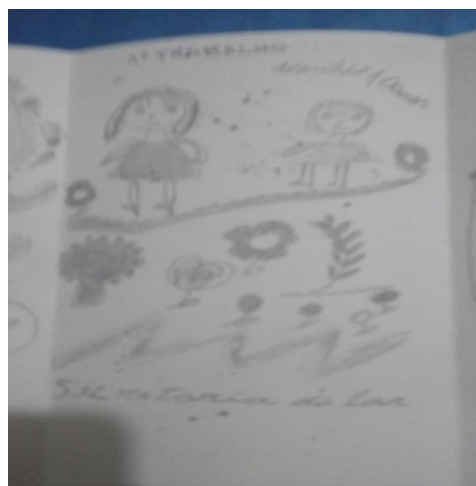
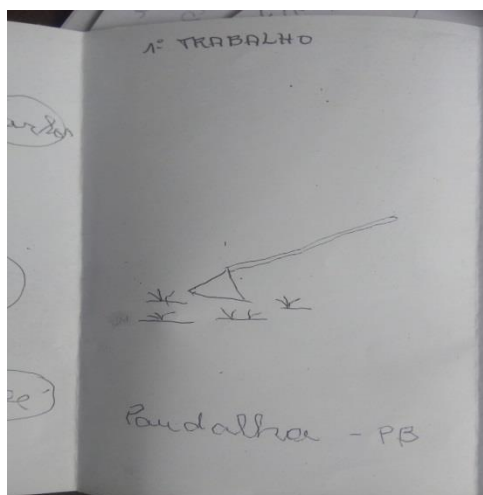
4.1 Capa: Autorretrato



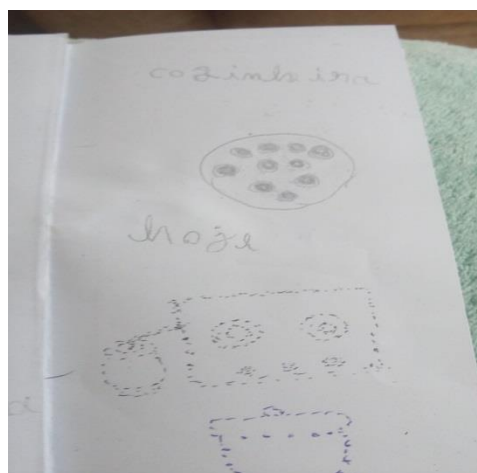
4.2 A árvore genealógica



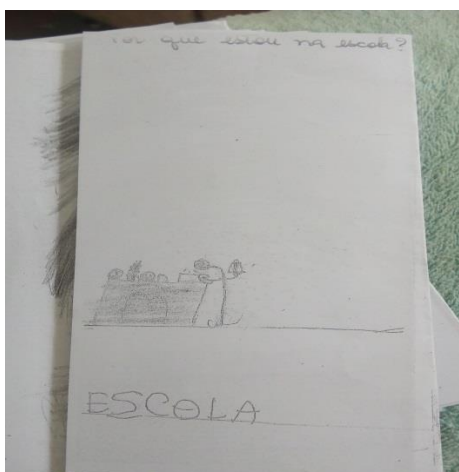
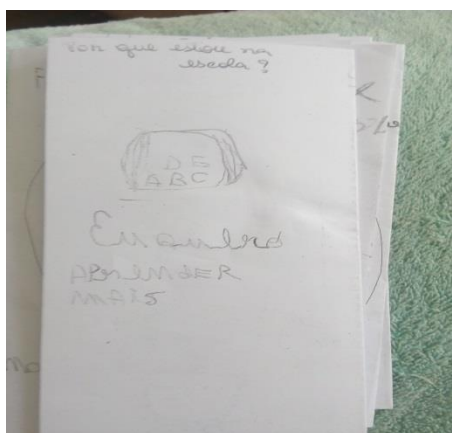
4.3 O motivo de não ir para a escola no tempo certo



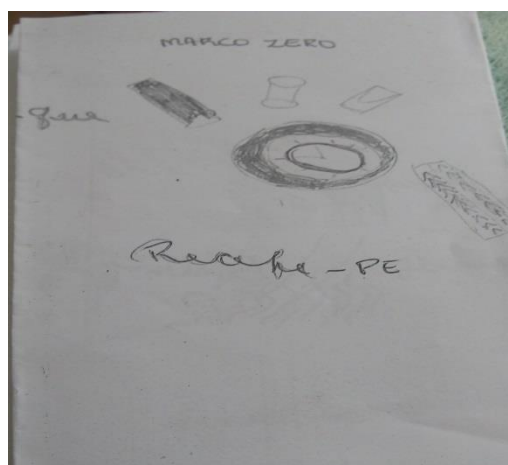
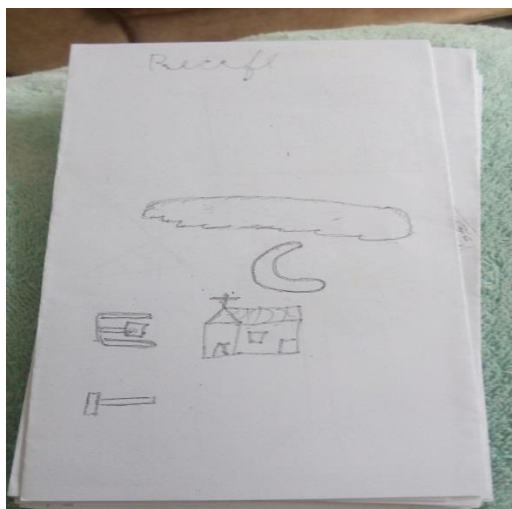
4.4 O que faço hoje (técnica de pontilhismo)



4.5 Por que estou na escola hoje



4.6 O que eu gosto no Recife



5 E- O artesanato se refere às atividades complementares desenvolvidas

5.1 Pintura no tecido com a técnica de pontilhismo



5.2 Reuso de CD



Para representar o título da música de Luiz Gonzaga:

Asa Branca

12. ANEXOS

A. *Letra da Música “Asa Branca” de Luiz Gonzaga*

*Quando olhei a terra ardendo
Qual fogueira de São João
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação*

*Que braseiro, que fornalha
Nem um pé de plantação
Por falta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão*

*Por farta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão*

*Até mesmo a asa branca
Bateu asas do sertão
Depois eu disse, adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração*

*Depois eu disse, adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração*

*Hoje longe, muitas léguas
Numa triste solidão
Espero a chuva cair de novo
Pra mim voltar pro meu sertão*

*Espero a chuva cair de novo
Pra mim voltar pro meu sertão*

*Quando o verde dos teus olhos
Se espalhar na plantação
Eu te asseguro não chore não, viu
Que eu voltarei, viu
Meu coração*

*Eu te asseguro não chore não, viu
Que eu voltarei, viu
Meu coração*

B. Alguns Modelos de Fanzines



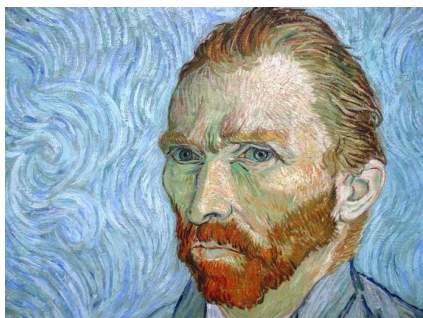
C. Grade Curricular de Arte da rede pública

The screenshot shows a mobile web application interface for 'SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ACRE - DIÁRIO ON-LINE'. The user is logged in as 'USUÁRIO: 0011779300001021910001'. The page displays the following information:

- Informações do Diário:**
 - Município de Ensino: Prefeitura Municipal de Aldeias - 00001
 - Ano Escolar: 2017
 - Unidade de Ensino: ESCOLA MUNICIPAL DE ALDEIAS
 - Turma: A
 - Turma: 2017
 - Módulo: MÓDULO 1
 - Professor(a): 0011779300001021910001 - Matrícula: 000000
 - Data: 08/11/2017
- Componente Curricular:** Arte
- Eixo:** Todos
- Eixo: Contextualizar - Música**
 - Multiculturalidade, linguagem musical, qualidades do som (altura, duração, intensidade e timbre), elementos da música (melodia, ritmo, harmonia), instrumentos (percussão, sopro e cordas), gêneros, estilos e movimentos locais, regionais, nacionais e internacionais, Música erudita, popular e étnica. Música Pop, eletrônica, MPB : (Tropicália, Jovem Guarda, Bossa Nova), Rock Nacional e Internacional, Jazz, Rap, Repente, entre outros, Música Fusion e a Música e o Som nas Artes Híbridas.
- Eixo: Fazer - Música**
 - Improvisação e composição;
 - Brinquedos, jogos e instrumentos;
 - Improvisação, interpretação e composição.
 - Escrita musical;
 - Onomatopéias, parlendas e trava-línguas, histórias cantadas, acalantos, cantigas de roda e canto coral.
- Eixo: Ler - Música**
 - Musicalis de diversas origens culturais e etnias, gêneros, estilos e épocas;
 - Paisagem sonora da natureza e de ambientes virtuais e diversas representações simbólicas;
- Eixo: Ler, Fazer, Contextualizar - Artes visuais**
 - A Capoeira em representações visuais de diferentes estéticas, culturas e tempos históricos
 - A Pintura convencional e a partir das novas tecnologias em diferentes estéticas e culturas, relacionando à arte contemporânea.
 - Profissões os elementos da linguagem visual nas suas representações em diferentes estéticas, culturas e tempos histórico, relacionando à contemporaneidade dos educandos;
 - Moradias representações visuais em diferentes estéticas, culturas e tempos históricos, relacionando à contemporaneidade dos educandos.
- Eixo: Ler, Fazer, Contextualizar - Teatro**
 - Personagens e brincantes do Bumba-meu-boi: Origem e contexto histórico e cultural; Conceitos: brincantes e folguedo; Personagem: humanos, animais e fantásticos; Elementos do Teatro: personagem (expressão corporal e gestual), figurino, espaço cênico, ação dramática, sonoplastia.
 - Cenário, elemento funcional na composição de uma montagem cênica: Tipos de cenário: pintado, construído, simultâneo, verbal, virtual; Elementos da linguagem teatral: personagem, espaço cênico, cenário, ação dramática.
 - Personagem em ação: profissões em cena: Profissionais do teatro e suas funções na montagem do espetáculo; Elementos do Teatro: personagem (expressão corporal/gestual/facial), espaço cênico, ação dramática, cenário, figurino.
 - A sonoplastia criando o ambiente da cena: Conceito de sonoplastia; Cenário sonoro; Elementos do Teatro: personagem (expressão corporal/gestual), espaço cênico, ação dramática, cenário, figurino.

At the bottom of the screen, there are buttons for 'Confirmar' and 'Cancelar'.

D. Imagens de autorretratos de alguns artistas famosos



Vincent van Gogh

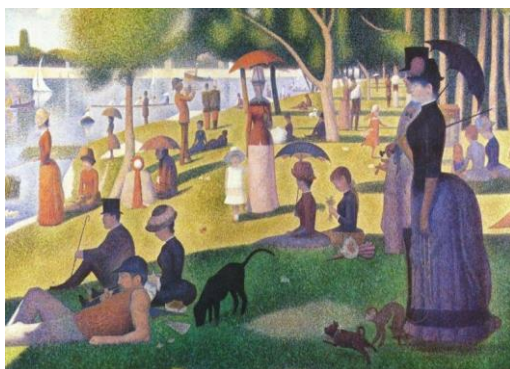


Tarsila do Amaral



Frida Kahlo

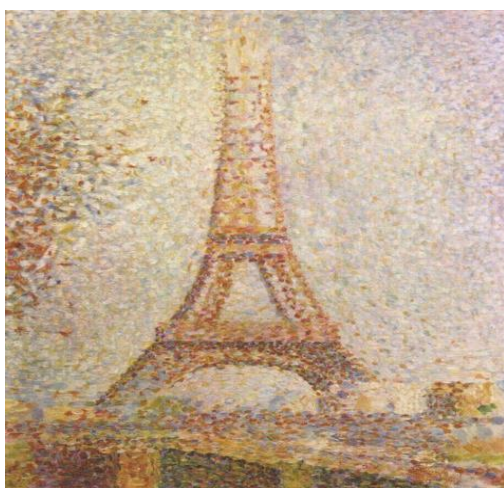
E. Imagens de algumas obras de Georges Seurat – Pontilhismo



Tarde de Domingo na Ilha de Grand Jatte



O circo



Torre Eiffel